



FACULDADE TEOLÓGICA NAZARENA

Coordenação de Educação Teológica – FTN

PLANO DE CURSO

Disciplina: Análise no Livro de Romanos
Professor : Pr. Carmo Antonio Reis

Descrição do Curso

Compreende o estudo da Epístola aos Romanos, considerando o contexto histórico, a formulação teológica e seu impacto fundamental na teologia cristã, ressaltando a importância doutrinária para a perspectiva Armínio-Wesleyana. Inclui prática exegética e homilética.

FUNDAMENTOS DO CURSO

Romanos é um dos livros mais fascinantes que faz parte da Bíblia. Tem enriquecido o testemunho de gerações de cristãos ao longo da história. A profundidade de pensamento do autor põe em destaque a sua confiança na graça de Deus e manifesta a sua vocação e o fervor que o anima; um fervor evangelizador que inspirou acontecimentos decisivos para a história e a cultura da humanidade.

Suas páginas discorrem a trajetória do pecado na vida do homem, a ação eficaz da obra redentora de Jesus e o poder santificador do Espírito Santo na pós-justificação. Sua relevância não se limita somente em demonstrar conceitos teológicos, mas também como eles podem se tornar efetivos na vida do ser humano. Assim, seu escopo final revela-se como um livro teológico que busca a transformação evidente na vida do homem que rejeitará o pecado, passando a aceitar a vida de santidade refletida nas atitudes da vida cotidiana, a fim de expor a veracidade das obras de justificação, perdão, reconciliação, santificação no **modus vivendi**.

Para o contexto da educação teológica, é fundamental o estudo da carta aos Romanos, a fim de elucidar a riqueza teológica em seus mínimos detalhes e aplicar tais conhecimentos ao ensino e a pregação da Palavra. Para o contexto da igreja local, é altamente relevante gravar na mente cristã que o pecado pode ser vencido e que a santidade de vida é padrão de exigência divina.

OBJETIVOS GERAIS:

Ao finalizar o curso o aluno será capaz de:

- 1- Explicar os aspectos centrais da Teologia do livro de Romanos.

2- Aplicar os aspectos teológicos à vida cotidiana da igreja local, a fim de providenciar uma resposta plausível às necessidades das pessoas.

3- Examinar e corrigir as várias discrepâncias teológicas que possam surgir quanto a salvação, pecado, justificação e santificação na vida do cristão, à luz do texto bíblico e à luz da teologia arminio-wesleyana.

A epístola aos romanos será analisada em quatro aspectos : (Visão Temática)

O professor Elienai Cabral, no seu livro “Carta aos Romanos”, observa que Paulo apresenta uma seqüência extraordinária da doutrina da salvação. Esta doutrina é apresentada em quatro aspectos: a) o aspecto Teológico (Rm 1:18-5:11); o Antropológico (5:12-8:39); o Histórico (9.1-11:36) e o Ético (12:1-15:33).

Aspecto Teológico (1:18-5:11) – O apóstolo apresenta a condição perdida do homem, sem a menor possibilidade de obter a salvação por méritos próprios, tanto para os judeus quanto para os gentios. O pecador só pode ser justificado mediante a fé na obra propiciatória de Cristo Jesus. Esta fé proporciona ao homem uma nova vida de santidade e poder.

Aspecto Antropológico” (5:12-8:39) – A comparação que Paulo faz entre o primeiro e o segundo Adão nos revela uma verdade fundamental: o primeiro Adão foi vencido pelo pecado, mas o segundo, que é Cristo, venceu o pecado por todos os homens. Assim, o segundo Adão nos proporciona um novo tipo de vida com abundante graça, com o dom da justiça e com poder para reinar em vida. (Romanos 5:17).

Aspecto Histórico (9:1-11:36) – Em relação a este aspecto é notório que havia um grupo de judeus cristãos que, arraigados ainda as exigências da religião judaica, queriam impor sobre os gentios convertidos os mesmos preceitos e ritualismo. Paulo, então, apresenta de forma bastante clara a doutrina da salvação em relação a Israel, demonstrando que a obra salvadora de Cristo tem alcance universal.

Aspecto Ético (12:1-15:33) – Neste item o apóstolo revela algumas implicações do Evangelho no viver cristão diário. Paulo aqui apresenta as responsabilidades éticas dos cristãos para com a igreja, a família, a vida pessoal e a sociedade.

A epístola pode também ser vista em dois aspectos:

1.Ortodoxia. Rm.(1-11) Doutrina,conhecimento.Parte Teórica

2. Ortopraxia.Rm.(12-15:1-33) A ética do Reino,a praticidade da doutrina.

Conteúdo:

Romanos é uma mais longa e teologicamente mais significativa das cartas de Paulo “o mais puro evangelho” (Lutero) . A carta assume a forma de um tratado teológico emoldurado por uma introdução (1.1-17) e uma conclusão (15.14 - 16.27) epistolares . A introdução contém os costumeiros prefácio (1.1-7) e ação de graças (1.8-15) e termina com uma frase de

transição que apresenta o tema da carta : o evangelho como a revelação da justiça de Deus , uma justiça que só é possível experimentar mediante a fé (1.16-17) .

O Evangelho como a justiça de Deus mediante a fé (1.18 - 4.25) . A justiça de Deus mediante a fé é o tema da primeira seção principal da carta . Paulo prepara o caminho para esse tema ao explicar por que foi necessário que Deus manifestasse sua justiça e por que os seres humanos podem experimentar essa justiça mediante a fé somente. O pecado, diz Paulo, subjugou todas as pessoas , e somente um ato de Deus , experienciado como um dom gratuito mediante a fé , pode romper esse julgo (1.18 - 3.20) . A ira de Deus, sua cólera santa que irrompe condenadora , paira sobre todos os pecadores (1.18-19) . E com toda razão . Pois Deus se fez conhecido a todas as pessoas por intermédio da criação ; o fato de se terem se afastado dele , indo atrás de deuses que elas próprias fabricaram , torna-as “indesculpáveis” (1.20-32) . Ainda menos desculpas têm os judeus , pois , possuem , em sua lei , uma expressão clara e detalhada da vontade divina . A simples posse dessa lei ou ter no corpo o sinal exterior da aliança com Deus (a circuncisão) não basta para proteger os judeus da ira divina (2.1 - 3.8) . Desse modo , conclui Paulo , todas as pessoas , judeus ou gentios , são escravos impotentes do pecado e, não importa o que façam , são incapazes de estabelecer um relacionamento com Deus (3.9-20) .

Só Deus pode modificar essa situação trágica , e assim ele fez ao tornar disponível , mediante o sacrifício de Filho , um meio de as pessoas tornarem-se justas , ou inocentes , diante de Deus (3.21-26) . Essa justificação , Paulo insiste pode ser obtida apenas mediante a fé (3.27-31) , como está claramente ilustrado no caso de Abraão (4.1-25) .

O Evangelho como o poder de Deus para salvação (5.1 – 8.39) . Depois de mostrar como humanos pecadores podem ser declarados justos diante de Deus mediante a fé , Paulo, na segunda seção principal da carta , desenvolve a importância desse ato tanto para o juízo futuro quanto para a vida terrena presente . Ser justificado significa experimentar a “paz com Deus” ou a reconciliação com Deus e especialmente uma firme esperança de justificação no dia do juízo (5.1-11) . A base esta esperança é o relacionamento entre o crente com Cristo , o qual , desfazendo os efeitos de Adão , conquistou a vida eterna para todos os que lhe pertencem (5.12-21) . Mesmo assim , apesar de transferidos para a esfera da nova realidade , onde Cristo , a retidão , a graça e a vida reinam , o cristão ainda tem de lutar contra os poderes desta esfera atual : o pecado , a lei , a morte e a carne .

Mas lutamos com confiança , sabendo que Cristo nos libertou da tirania desses poderes . Por esse motivo o pecado já não pode nos impor condições (6.1-14) ; Deus agora é nosso amo, fato este que nossa vida deve refletir (6.15-23) . De semelhante modo a lei , que , devido ao pecado , ao invés de melhorar , piorou a situação das pessoas , já não tem domínio sobre o crente (7.1-25) . Por meio do Espírito de Deus , o cristão tem assegurada a vitória final sobre a morte e o poder da carne (8.1-13) . Esse mesmo Espírito , tornando-nos filhos de Deus (8.14-17) , proporciona uma certeza adicional de que a obra que Deus começou em nós terá um fim triunfante : com absoluta certeza, a justificação conduzirá à glorificação (8.18-39) .

O Evangelho e Israel (9.1 – 11- 36) . Um tema-chave de Romanos 1 - 8 é a questão da relação entre lei e evangelho , judeus e gentios, o antigo povo da aliança com Deus e o Seu

povo . Esse é o assunto da terceira seção principal da carta . Será que a transferência dos privilégios da aliança de Israel para a Igreja significa que Deus invalidou as promessas que fez a Israel (9.1-6 a) ? De forma nenhuma , é o que Paulo responde : Primeiramente , as promessas de Deus jamais tiveram a intenção de assegurar a salvação de cada israelita por nascimento (9.6b-29) . Em segundo lugar ; o próprio povo de Israel é culpado por deixar de acolher a justiça de Deus em Cristo , apesar da clara mensagem de Deus a esse povo (9.30 – 10.21) . Além disso , alguns israelitas , como Paulo , estão sendo salvos , e as promessas de Deus estão-se cumprindo neles (11.1-10) .

Finalmente na parte culminante de sua demonstração , Paulo refuta as declarações arrogantes de alguns cristãos gentios , lembrando-os de que foi somente por intermédio de Israel que a salvação chegou até eles e de que está por vir um dia a promessa de Deus a Israel se cumprirá plenamente e “todo o Israel será salvo” (11.12-36) .

O Evangelho e a transformação da vida (12.1 – 15.13) . A última seção principal do tratado de Paulo é dedicado ao resultado prático da atuação da graça de Deus no evangelho . Numa declaração inicial concisa , Paulo lembra seus leitores que essa graça de Deus deve estimular a entrega sacrificial de si mesmos ao serviço a Deus (12.1-2) . Esse serviço pode assumir várias formas , à medida que os múltiplos dons que Deus concedeu a seu povo são exercidos (12.3-8) . Os muitos detalhados aspectos desse serviço a Deus devem ser permeados pelo amor (12.9-21) Paulo adverte que seguir a Deus não significa que o cristão pode desatender às reivindicações legítimas que o governo nos impõe (13.1-7) .

Embora livres da lei , os cristãos não podem tampouco desatender à vigência contínua do mandamento que sintetiza a lei : amar o próximo como a nós mesmos (13.8-10) . O cristão deve seguir a Deus desta maneira , reconhecendo que o dia da salvação já esta lançando em nosso caminho os raios de sua luz e que nossa vida deve refletir essa luz (13.11-14) . Por fim Paulo aborda um assunto que , segundo parece , provocou grandes divisões na igreja em Roma e , sem dúvida alguma , em outros lugares : a observância de certas regras e rituais alimentares (14.1 – 15.13) .

Alguns dos cristãos em Roma jactavam-se de serem fortes na fé e desprezavam outros que não estavam convictos de que sua fé lhes permitia comer qualquer tipo de comida e desconsiderar dias fixos de adoração . Estes por sua vez , condenavam os assim chamados fortes na fé como crentes que faziam concessões excessivas. Paulo , embora identificando-se com os fortes , exige que cada lado respeite as opiniões do , embora identificado-se com os fortes , exige que cada lado respeite as opiniões do outro e aprenda a viver em tolerância mútua .

“Autor ”

A carta de Romanos afirma ter sido escrita por Paulo (1.1) , e essa afirmação não tem sido seriamente contestada . Tércio , identificado em 16.22 , foi provavelmente o amanuense ou escriba de Paulo . Embora às vezes tenha dado a seu amanuense certa liberdade na redação de suas cartas , praticamente inexitem indícios de que isso tenha acontecido em

Romanos . Corinto é o local mais provável onde a carta foi escrita e sua data , a melhor alternativa é 57 d.C.

“Destinatários”

Pressupondo que o texto impresso em nossas Bíblias em grego e português esteja certo , a carta é dirigida “a todos os amados de Deus , que estais em Roma , chamados para serdes santos” (1.7 ; cf. também 1.15) . Não temos dados claros da origem da igreja em Roma nem de sua composição à época em que Paulo lhe escreveu . Por volta de 180 d.C. Irineu identificou Pedro e Paulo conjuntamente como fundadores da igreja em Roma (*Adv. Haer.* 3.1.2), ao passo que tradição posterior menciona Pedro como o fundador e primeiro bispo da igreja (*e.g.,o Catalogus Liberianus [354 d.C.]*) . Mas nenhuma das duas tradições pode ser aceita . A própria carta deixa claro que Paulo era estranho à igreja em Roma (veja 1.10 , 13; 15.22), e é improvável que Paulo estivesse planejando o tipo de visita descrita em 1.8-15 a uma igreja fundada por Pedro . Nem é provável que Pedro tenha ido a Roma cedo o suficiente para ter fundado uma igreja ali . Uma vez que nenhum outro apóstolo é associado à fundação da igreja em Roma , podemos concordar com a avaliação do “Ambrosiastro” do século IV de que os romanos “abraçaram a fé em Cristo , ainda que de acordo com o ritual judaico , sem terem visto qualquer sinal de obras portentosas ou qualquer dos apóstolos”.Caso então tenhamos que especular a situação mais provável é que judeus convertidos no Dia de Pentecostes . (veja At 2.10) foram os primeiros a levar o evangelho à grande capital .

Paulo escreveu Romanos de Corinto durante uma visita de três meses (Atos.20:1-3).

Achamos em Romanos 16:23 que **Gaio e Erasto** estava com Paulo. Estes dois eram membros da igreja de Corinto (I Cor.1:14, II Tim. 4:20).

A carta foi levada por **Febe** (Rom.16:1) que morava em Cencreia, perto de Corinto (Atos.18:18).

Os amigos de Paulo: **Priscila e Áquila**, já estavam em Roma, (Rom.16:3) onde eles nasceram (Atos 18:2).

“Tema e contribuição”

Ao longo dos tempos as opiniões sobre Romanos têm tendido a redirecionar o centro de atenção do início para o fim da carta . Os Reformadores , seguindo Lutero , destacaram a justificação pela fé , que é proeminente especialmente nos capítulos 1 – 4 , como tema da carta . No início deste século , contudo , Albert Schweitzer defendeu que a justificação pela fé não passava de uma doutrina de “combate” uma doutrina que Paulo usava para lutar contra os judaizantes – e que o verdadeiro tema de Romanos acha-se no ensino de Romanos 6 – 8 sobre a união com Cristo e a obra do Espírito de Deus . Romanos 9 – 11 foi a secção seguinte a ocupar , nos debates , o centro do palco . Bem ao contrário da digressão que alguns viram nesses capítulos , estudiosos como Krister Stendahl acham que o tema central de Romanos encontra-se aqui : a história da salvação e dos dois povos, judeu e gentio , dentro dessa

história. Por último , tem-se afirmado que a exortação prática à unidade , em 14.1 – 15.13 , é o verdadeiro âmago da carta .

Cada uma dessas proposições tem defensores entre os estudiosos contemporâneos , embora às vezes de forma modificada . Poe exemplo , a centralidade da justificação pela fé é defendida por Ernest Käsermann – mas apenas como uma das facetas da categoria mais abrangente “justiça de Deus”, que é interpretada com o sentido de intervenção de Deus na História para reivindicar para si a sua criação e para trazer salvação a seu povo . E. P. Sanders acompanhou Schweitzer na ênfase dada ao estilo “participacionista” de Romanos 5 – 8 . Um grande número de estudiosos acredita que Romanos trata do papel de Israel na história da salvação . Outros temas também foram escolhidos : Deus , esperança e salvação , para mencionar apenas uns poucos .

É possível que Romanos não tenha um tema único , que no máximo que podemos fazer é assinalar temas recorrentes dentro de diversos temas distintos . Mas se tivermos que destacar um único tema , há bons motivos para que este seja o “evangelho”. Essa palavra e o verbo cognato “evangelizar” são proeminentes na introdução e na conclusão de Romanos , ou seja , em seu arcabouço epistolar , onde é de esperar que entremos qualquer tema dominante . É a palavra “evangelho” que ocupa lugar destacado em 1.16-17 , texto este que é com tanta freqüência (o que provavelmente está certo) considerado a declaração do tema da carta . Além disso , como já vimos , as origens de Romanos encontram-se na situação missionária de Paulo , o que torna concentrar a atenção naquele evangelho que o Senhor confiara a Paulo .

Mesmo assim , como vimos , essa apresentação do evangelho é feita num contexto do século I . O elemento mais importante deste contexto é também a questão mais importante que a igreja teve de enfrentar : a natureza da continuidade entre a primeira e a segunda “palavra” de Deus e entre o povo daquela primeira palavra , Israel , e o povo da segunda palavra , a igreja . Nesse ponto em particular Romanos dá sua contribuição para a formulação da fé neotestamentária . Pois a maneira como se expressa a relação entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento , entre a lei e o evangelho , Israel e a igreja – o grau de continuidade – é fundamental para a construção de qualquer teologia *cristã* . Romanos fornece os tijolos básicos para a construção desse alicerce . Romanos é , portanto a exposição que Paulo faz de seu evangelho .

Depoimentos Históricos sobre a Epístola.

De **João Crisóstomo**, um dos pais da igreja, no preâmbulo de suas homilias sobre a epístola aos Romanos:

“Ouvir a leitura, conforme faço continuamente, das epístolas do bem-aventurado... deleito-me no aprazimento da sua trombeta espiritual, e o meu coração salta de alegria, e os meus anseios começam a vibrar, ao reconhecer aquela voz que me é tão clara, que me parece estar diante de mim à imagem do orador, vendo-o discursar. Lamento, porém, e me aflijo, porque nem todos conhecem esse homem como deveriam conhecê-lo... E é disso que se

originam nossas miríades de males: de nossa ignorância sobre as Escrituras. Isto explica a epidemia de nossas heresias; isto explica as nossas vidas negligenciadas e os nossos labores infrutuosos”.

De **W. Tyndale**, conforme foi citado por Lutero:

“Posto que essa epístola (**aos Romanos**)... **é uma luz e uma vereda para a totalidade das Escrituras**, penso que convém não convém não somente que cada crente a conheça, de memória, ainda que não disponha do livro escrito, mas também se exercite na mesma, sempre e continuamente, como se fora o **pão diário de sua alma**. Verdadeiramente ninguém pode lê-la com demasiada freqüência, ou estuda-la demasiadamente bem; pois quanto mais a estudamos, mais fácil ela se torna; quanto mais a mastigamos, mais agradável ela fica; e quanto mais meditativamente ela é pesquisada, maior é o número de preciosidades que ali descobrimos; tão grande é o número de tesouros espirituais que ali se oculta”.

A Igreja de Roma (contexto histórico)

A cidade:

- a) Roma, a capital do Império Romano, era maior que Atenas, Alexandria e Antioquia.
- b) Exercia domínio em todas as questões imperiais quer fossem políticas, sociais, militares, comerciais e religiosos.
- c) Muito embora, os seus primórdios estejam envoltos em mistério, o calendário romano data a origem da cidade em 753 a.C.
- d) Foi edificada como resultado de conquistas militares e sustentada pela capacidade de sua força bélica, competência administrativa e rapidez nas comunicações.
- e) Durante o primeiro século da era cristã, Roma tinha mais de 1.500.000 habitantes, dos quais 800.000 eram escravos.
- f) Através da sua força militar conservava as estradas relativamente livre da ação de salteadores ao ponto do primeiro século A.C. ter sido considerado a época da Pax Romana, o que facilitou a propagação do Evangelho nas regiões do Império.

Opiniões gerais sobre a carta aos Romanos.

É considerado o mais profundo documento “de importância teológica e ética que se conhece em toda a literatura” (Broadus Hale)

Na epístola aos Romanos, o apóstolo Paulo faz a “mais fundamental, vital, lógica,

profunda e sistemática apresentação do propósito de Deus para a salvação que se encontra na Bíblia” (Broadus Hale).

O livro mais profundo que existe. (Coleridge)

A Catedral da fé (Godet)

Um estudo completo desta epístola é, na verdade ,um curso de teologia em si mesmo. (Griffith Thomas)

A verdadeira obra-prima do Novo Testamento.(M. Lutero)

Martinho Lutero disse que o livro era realmente a parte principal do N.T. e verdadeiramente o que há de mais puro no Evangelho.

E acrescentou: “Todo cristão deveria conhecê-lo de coração, palavra por palavra, mas também ocupar-se com ele a cada dia, como pão cotidiano para a sua alma”.

Disse Calvino: “Se nós atingirmos uma verdadeira compreensão quanto à esta epístola, teremos uma porta aberta para os tesouros mais profundos da Escritura.

Philip Melancthon disse: “ A epístola aos Romanos é um compêndio da doutrina Cristã.

O professor **Cranfield** descreve-o como um todo teológico do qual absolutamente nada de substancial pode ser tirado sem que haja alguma dose de desfiguramento ou distorção”.

Ginther Bornkamm chegou a referir o livro de Romanos como o último desejo e o testamento final do apóstolo Paulo.

A influência da carta

Muitos líderes influentes da Igreja, em diferentes séculos, dão testemunho do impacto produzido pela Epístola aos Romanos em suas vidas, e em alguns casos, ela serviu como instrumento para sua conversão.

Aurélio Agostinho, conhecido no mundo todo como Agostinho de Hipona, nasceu em uma pequena fazenda, onde hoje é a Algéria.

Durante sua juventude, ele foi ao mesmo tempo escravo de suas paixões sexuais e objeto de orações de sua mãe Mônica. Durante o verão de 386, aos 32 anos de idade, ele abriu o Livro de Romanos no cap.13:12-14. “ Mal terminara a leitura desse texto, dissiparam-se em mim todas as trevas das dúvidas, como se penetrasse no meu coração uma luz de certeza”.

Martinho Lutero em 1515 entrou em uma crise espiritual idêntica à de Agostinho, ele pensava que o caminho mais certo para se chegar ao céu era tornando-se um monge. No mosteiro ele orava, jejuava às vezes por dias sem fim, além de outras austeridades sem fim.

Ao estudar o Livro de Romanos, ele deparou-se com o versículo que mudaria toda a sua vida (Rm.1:17) “ O justo viverá pela fé”.

John Wesley. Em 1738, durante uma reunião dos irmãos morávios em Londres, enquanto alguém estava lendo o prefácio do comentário aos Romanos, de Lutero, Wesley descreve que algo sobrenatural aconteceu em meu coração, senti um estranho calor aquecer meu coração. Vi de fato que eu cria em Cristo, somente em Cristo, para dar-me salvação, e me veio uma certeza de que Ele havia tirado os meus pecados.”

Ela é a mais completa, mais pura e a mais grandiosa declaração do Evangelho, encontrada no N.T. Sua mensagem não é que o homem nasceu livre, mas em todo e qualquer lugar encontra-se encarcerado, como **diz Rousseau.**

As Credenciais de Paulo (RM. 1:1).

a- Servo de Jesus Cristo. No original grego a palavra (Doulos) tem um sentido mais forte e profundo “escravo”. Paulo identifica-se como servo. **O preparo de Paulo.**

b- Chamado. Seu chamamento era divino (Deus o separou para o ministério)

c- Apóstolo. O nome foi desde o início, um nome especificamente cristão, sendo que o próprio Jesus o escolheu para designar os doze, número ao qual Paulo diz ter sido acrescentado. Havia algumas marcas que distinguiam os apóstolos:

- 1- Terem sido diretamente e pessoalmente chamados e delegados por Jesus.
- 2- Terem sido testemunhas oculares do Jesus históricos, pelo menos e especialmente de sua ressurreição.
- 3- Terem sido enviados por ele para pregar com sua autoridade.

O termo apóstolo também era usado para designar um delegado ou embaixador, porém quando se referia a um apóstolo de Cristo está diretamente relacionado com seus dons especiais e miraculosos para o pleno exercício do ministério.

A dupla designação de Paulo como “escravo” e “apóstolo” chama ainda mais a atenção quando se atenta para os constantes existente entre os dois termos.

Escravo é um título que expressa grande humildade, ele representa um servo que conseguiu relevância pessoal, sem o mínimo direito próprio, alguém que foi comprado para pertencer a cristo.

Apóstolo é um título especial (reservado para os doze e Paulo, e quem sabe mais uns dois, como Tiago). Era um título de grande autoridade, expressa o seu servo de privilégio especial e dignidade de decorrência em ter sido chamado por Jesus.

d- Evangelho de Deus. Deus é a palavra mais importante nesta epístola, segundo o (Dr. Leon Morris), Romanos é um livro acerca de Deus. Portanto, a boa nova dos cristãos é o evangelho de Deus. Os apóstolos não o inventaram, ele foi revelado e confiado a eles por Deus.

Esta continua sendo a convicção mais básica e primordial em que se baseia todo o evangelismo autêntico. O que nós temos que repartir com os outros não é, uma miscelânea de especulações humana. É o evangelho de Deus, a boa nova do próprio Deus para um mundo perdido. Sem esta convicção, o evangelho perde todo seu conteúdo, propósito e motivação. O evangelho é o poder de Deus para a salvação. (v.16)

Exclusivismo Soteriológico

O evangelho é o único meio legítimo e aceitável diante de Deus que gera salvação ao homem perdido. Não existem outros meios que levem o homem a Deus a não ser através do evangelho.

Tema Central: A Justiça de Deus (Rm.1:16,17)

“Pois, não me envergonho do evangelho, porque é o poder Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego, **visto que a justiça de Deus se revela no evangelho**, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé” (Rm.1:16,17)

O significado da expressão **Dikaisynè Theou** é justiça de, ou procedente de Deus, que é um atributo divino. Justiça descreve Seu caráter junto com ações que correspondem ao Seu caráter.

A expressão “**justiça de Deus**” pode ser entendida como a justiça que é aprovada no tribunal divino e não humano.

Alguns comentaristas explicam o significado como sendo “a justiça que Deus nos dá”.

Desde o primeiro momento em que provamos o Evangelho, contemplamos já o semblante de Deus voltado para nós favoravelmente. Quanto mais aumenta o nosso conhecimento dEle, mais vemos Sua graça com maior nitidez e familiaridade, como se Ele se achegasse para mais perto de nós.

Em Romanos, a manifestação suprema da justiça pessoal de Deus se revela na Cruz de Cristo, em sua obra consumada. Jesus foi apresentado no calvário para demonstrar a justiça de Deus.

Deus é simultaneamente “**justo**” e “**justificador**” daquele que tem fé em Jesus. (Rm.3:25,26). Paulo no livro de Romanos, faz tudo para defender a integridade do caráter e do

comportamento de Deus. Ele tem firme convicção de tudo que Deus faz, seja em se tratando da salvação (3:25), seja no julgamento (2:5) é absolutamente coerente com a sua justiça.

-John Ziesler diz: Salvação é a forma que assume a justiça de Deus

-Ernest Kasemann: Escreve sobre a justiça de Deus em termos de poder, o poder salvador de Deus, em fidelidade à sua aliança, sobrepujando as forças do mal e vingando o seu povo.

-N.T Wright: Afirma que a justiça de Deus é essencialmente a fidelidade à aliança, do Deus que fez as promessas a Abraão, promessa de uma família universal caracterizada pela fé, na qual a maldade do mundo seria desfeita.

A justiça de Deus revelada no evangelho é uma “conquista divina”. É uma justiça que provém de Deus. (Fl.3,9). Esta justiça oriunda de Deus contrasta com a nossa própria justiça, a qual somos tentados a estabelecer ao invés de submeter-nos à justiça que precede de Deus (10:3).

Charles Cranfield parafraseia o versículo 1.17 da seguinte maneira:

“Pois nele (isto é, no evangelho como vem sendo pregado) uma condição de justo, que a dádiva de Deus, é revelada (e, portanto oferecida aos homens), um status que se recebe completamente pela fé”.

Em II Cor. 5.21, Paulo afirma que em Cristo nós de fato “somos feitos justiça de Deus”

Em Rm. 4.24, ele diz que a justiça nos foi creditada, computada ou imputada, assim como foi com Abraão. Portanto, a justiça de Deus é manifestada plenamente no “evangelho” que é uma dádiva de inteiramente gratuita, que se é possível experimentar exclusivamente mediante a fé. (o justo viverá pela fé) (Rm.1,17).

A justiça de Deus é a justificação justa do injusto, sua maneira justa de declarar justo o injusto, através da qual ele demonstra sua justiça e, ao mesmo tempo, nos confere justiça. Ele o faz através de Cristo, o justo que morreu pelos injustos.

“De fé em fé”. A justiça de Deus que revelada no evangelho, que é oferecida a nós, é literalmente “da fé para fé ou de fé em fé”.

Em Romanos, a manifestação suprema da justiça pessoal de Deus revela-se no Evangelho.

O conceito de justiça no Velho Testamento.

As idéias do certo e do errado entre os hebreus são idéias **forenses**, isto é, o hebreu sempre pensa no certo e no errado como se houvessem de ser resolvidos num tribunal diante de um juiz.

Para o hebreu, a justiça é mais um “**estado legal**” do que uma qualidade moral. A palavra justo significa simplesmente “**no certo**” e a palavra ímpio “**no errado**”.

Ser justo é estar no certo, ou seja, em relação correta diante de Deus e de Sua lei (Hab.2:4).

A Justiça humana pode ser analisada em quatro aspectos:

1-A justiça original. Deus criou o homem reto e meramente bom (Ec.7:29; Gn.1:31), mas o homem caiu desse estado de justiça para um estado de pecado.

2-A justiça de Cristo. Desde a queda de Adão, Cristo foi o único ser humano que cumpriu com perfeição a lei moral de Deus e permaneceu com uma natureza totalmente justa (Mt.5:17; Jo.8:29,46; Hb.4:15; I Pd.2:22).

Jesus é o Deus-Homem, Sua justiça é de valor infinito e oferece a salvação a todos aqueles que crêem.

3-A justiça imputada (justificação). A justificação é aquele passo na salvação em que Deus declara justo aquele que crê. Teologia protestante sempre enfatizou que isto inclui a reputação da justiça de Cristo, creditando-a na conta do crente.

4-A justiça renovada (santificação). Tendo sido declarado justo, o crente se desenvolve à semelhança de Cristo, sendo renovado à imagem de Deus e se torna justo no Seu caráter moral, torna-se santificado. A santificação ela é posicional, é um processo e ela também é vista no cunho final.

Justiça própria: É o conceito de uma ética pessoalmente desenvolvida como padrão para se obter algum mérito, ou até mesmo como meio de se obter a própria salvação mediante a auto-justiça. Embora esse conceito possa aparentar algo positivo, pois o mesmo leva o indivíduo a adotar um **estilo de vida moralista**, porém tal atitude conduz o indivíduo a um falso conceito acerca de sua aceitabilidade diante de Deus.

No judaísmo, a justiça própria podia ser entendida como uma avaliação necessária **“do saldo” de méritos acumulados** por uma pessoa através das boas obras, em contraste com sua pecaminosidade herdada.

Contudo, é exatamente esse tipo de justiça, tão cobiçada pelos judeus, que Jesus veementemente rejeita, em contraste com a justiça do reino (Mt.5:20;6:33).

A parábola do fariseu e do publicano (Lc.18:10-14).

O choque provocado pelas notícias do Evangelho, é que Deus havia declarado que o homem é justo somente em Cristo, deste modo, qualquer atitude de justiça própria é excluída (Ef.2:8,9) e categoricamente condenada (Mt.6:1)

A justiça própria é uma areia movediça que conduz o homem à perdição eterna quando a sua fé não se baseia nos méritos de Cristo.

Não podemos obter salvação de nenhuma outra fonte a não ser do Evangelho. Esta justiça, que é a base da nossa salvação é revelada no Evangelho. Daí dizer-se que o Evangelho é o poder de Deus para a salvação.

A única maneira de vivermos na presença de Deus é por meio da justiça, portanto, segue-se que a nossa justiça depende da fé.

A necessidade de uma revelação da Justiça de Deus :

Todas as pessoas , indescupálveis , sob acusações . (Rm 1.18 – 3.20)

A condenação do mundo gentio (Rm 1.18-23)

* **A ira de Deus** .O vs. 18 resume a realidade do mundo gentio. Os gentios viviam sem a lei formal de Deus . Com essa forma de vida gentílica , manifesta-se a ira de Deus . Esta ira não denota a pecaminosa raiva humana .

Embora exista de fato uma indignação justa , a raiva humana é ,na maioria das vezes , bastante injusta . É uma emoção irracional e incontrolável , com uma boa dose de vaidade , hostilidade , malícia e desejo de vingança .

A ira de Deus é absolutamente livre de qualquer um desses ingredientes venenosos . A ira de Divina trata-se de sua profunda aversão-pessoal contra o mal . Sua ira é uma hostilidade santa , contra o mal , é a manifestação de sua recusa em suportá-lo ou entrar em acordo com ele , é o seu justo julgamento contra o mal .

A Auto-Revelação de Deus (vs. 19-20)

Dois tipos de revelações:

Revelação geral: É o descortino que Deus faz de Si mesmo para todos os homens na natureza,na constituição da mente e no processo da História humana.

Revelação especial: Falamos do propósito Redentor de Deus manifestado em Jesus Cristo.Deus faz revelações de Si mesmo a personalidade humana através da Bíblia,Jesus Cristo e o Espírito Santo.

- O Deus invisível , torna-se visível , dando-se a conhecer através de suas obras .
A criação é uma manifestação visível do Deus invisível , uma manifestação compreensível do Deus , que de outra forma , permaneceria eternamente desconhecido . Assim como o artista se revela naquilo que ele desenha , pinta ou esculpi , assim o Divino artista se revelou através da sua criação .

O Salmo 19 é o texto clássico sobre a revelação geral de Deus .

- Existe diferença , entre a revelação geral de Deus e a Sua revelação especial .
- A revelação geral destina-se a todos os homens , ela é universal .
- A revelação especial é manifesta através da Bíblia e de Jesus Cristo .
A Bíblia constitui-se a única fonte de conhecimento no que se refere a Cristo . O verdadeiro cristianismo baseia-se na revelação de Deus na Bíblia .

Jesus é a mais alta revelação do Pai ao homem (Heb. 1.3 , Jo 1.1) .
Entretanto a Bíblia é o registro de Cristo , da Sua pessoa , da Sua obra e tudo que precisamos saber a respeito Dele .

O mais completo conhecimento de Deus que se pode obter , vem-nos através de sua revelação . É a palavra escrita que nós revela a Palavra Encarnada .
A revelação geral revela ao homem que Deus existe , que Ele é um ser inteligente e criador. Nesta revelação a luz suficiente para a crença do Deus criador .

A revelação interna da razão e da consciência também é um que se pode chegar ao conhecimento de Deus (Rm.2:15).Porém,tal revelação interna também é insuficiente para conduzir o homem à salvação, visto que, a razão humana em seu estado natural não pode subir ao elevado e santo nível do pensamento de Deus (Is. 55:6-9)Tanto a razão como a consciência estão deterioradas pelo pecado. O homem não pensa retamente. Frequentemente e defeituoso, perverso e inteiramente contrário ao pensamento de Deus (I Tim.4:2;Tito 1:15)

Teorias que negam o Deus criador :

a) a teoria do Big Bang

b) A teoria da Evolução

Inculcando-se por sábios , tornaram-se loucos . (vs 22)

A revelação geral aponta para o Deus Criador , enquanto que a revelação especial aponta para o Deus salvador . Tais homens são indesculpáveis (vs 20 b)

2-A revelação interna da razão e da consciência (Rm.2:15)

Tal revelação interna também é insuficiente para conduzir o homem à salvação, visto que, a razão humana em seu estado natural não pode subir ao elevado e santo nível do pensamento de Deus (Is. 55:6-9)

Tanto a razão como a consciência estão deterioradas pelo pecado. O homem não pensa retamente. Frequentemente e defeituoso, perverso e inteiramente contrário ao pensamento de Deus (I Tim.4:2;Tito 1:15)

3-Revelação Especial: A Bíblia e Jesus.

A Bíblia constitui-se a única fonte digna de conhecimento no que se refere a Cristo. O verdadeiro cristianismo se baseia na revelação de Deus na Bíblia.

Jesus é a mais alta revelação do Pai ao homem (Hb.1:3). Entretanto, a Bíblia é o registro de Cristo, da Sua pessoa, da Sua obra e tudo que precisamos saber a respeito dEle.

O mais completo conhecimento de Deus que é possível obter, vem-nos através de Sua revelação. É a palavra escrita que nos revela a **Palavra Encarnada.**

A depravação pagã (Rm 1.21-32)

* Conseqüências :

obscurecendo-lhes o coração insensato(21b) . Apagou para si próprio a luz , escureceu a existente .

- **Idolatria** : O homem abraçou facilmente as formas mais grosseiras de idolatria e superstição . (vs. 23)

- **Imoralidade** : A história do mundo confirma que a tendência a idolatria é acabar em imoralidade .

A condenação do homossexualismo e liberalismo . (vs 26,27)

O homem é um ser espiritual e tem a necessidade de venerar ou adorar alguma coisa . Ele precisa arranjar um “deus”.

Religiões primitivas : O ídolo as vezes é talhado do tronco de uma árvore , gerando uma imagem do homem corruptível , ou de aves , quadrúpedes e répteis . (Is 44.9-20 , Rm 1.23-24) .

Filosofias e cosmovisões: Nesta perspectiva o ser humano toma elementos do pensamento, idéias , princípios éticos , leis intelectuais , das quais “talhamos” para nós em sistema dominante. Também é possível com o material que com que se “talham”pequenos deuses sejam pessoas , exaltam-se exageradamente artistas , cientistas , atletas , lideres espirituais , construindo-se em torno deles um culto a pessoa . (culto a personalidade) .

Criticamos impiedosamente a idolatria e filosofia oriental , porém nos esquecemos que trocar a adoração ao Deus Vivo pelas obsessões modernas por dinheiro,fama e poder é tão reprovável quanto o que fazem essas filosofias . Deus os entregou (vs. 24,26,28) .

Os judeus sob a Ira de Deus (Rm 2.1-3-8)

Paulo agora se volta agora para os Judeus , seus compatriotas . Paulo usa apenas 15 versículos para se dirigir aos gentios , mas com relação aos judeus ele usa 45 versículos .

Os críticos judaístas aceitaram de coração que a Ira de Deus pesa sobre o mundo gentílico,mas jamais esperariam o furor de Deus sobre os “Devotos da Lei”

Porquanto és indesculpável quando julgas ... (vs 1)

Paulo condena o moralista hipócrita que se acha no direito de estabelecer juízos morais e condenar os outros .

Paulo expõe nestes versículos uma estranha fraqueza : a tendência que temos de criticar todo mundo , “a exceção de nós mesmos”.

Somo duros e legalistas em julgar os outros , porém condescendentes em relação às nossas falhas .

Thomas Hobbes , filósofo Político do séc. XVII disse : As pessoas forçam-se a valorizar-se a si mesmas observando as imperfeições .

Essa estratégia nos permite reter (simultaneamente) , o nosso pecado e a nossa auto-estima. É uma estratégia enganosa e doentia .

Os judeus contavam com três privilégios : 1- Aliança ; 2- Circuncisão ; 3- Lei .

1 - Lei : Eles usufruíam da revelação direta de Deus (Rm 2.17-24)

- eles usavam a lei como escudos contra desastres ;
- Ostentavam o título judeu ;
- Conhecedores da vontade de Deus ;
- Mestres e professores dos homens .

Porém , eles não viviam com o conhecimento que possuíam (a Lei) vs 21 . Diante destes depoimentos Paulino a presunção e hipocrisia dos judeus caem por terra .

2 – A Circuncisão : Se o fato dos judeus conhecerem e possuírem a Lei de Deus não os isenta do julgamento divino , tão pouco o faria a circuncisão .

A circuncisão era um “**sinal** “dado por Deus para selar sua aliança com os judeus . Este sinal não era um passe de mágica , nem um rito milagroso . Ela não lhes caberia um seguro permanente contra a Ira de Deus . Ela não era um substituto para a obediência , antes era um compromisso com a obediência .

Os judeus tinham uma confiança quase supersticiosa no poder salvador da circuncisão .

Epigramas rabínicos diziam : “O homem circuncidado não vai para o inferno . Ela livrará Israel do inferno”. Paulo contesta esta falsa segurança : “a circuncisão tem valor se praticares a lei” (vs 25).A circuncisão simboliza o pertencimento à aliança , e pertencer á aliança exige obediência .

O verdadeiro judeu : (vs 28,29) .

- * Não é judeu quem o é apenas “exteriormente”.
- * Não é circuncisão a que é meramente exterior . (na carne)
- * Judeu é quem o é interiormente . (em segredo , no coração)

Visão do Antigo Testamento : Deus no Pentateuco reclama dos corações incircuncisos de seu povo . Deus pede para que eles circuncidem os seus corações. (Lv 26.41 , Dt 10.16,30.6)

Os profetas usam a mesma linguagem : (Ez 44.9 , Jr 9.25 ; 4.4 , Ez.36:26-27)

Paulo busca uma “circuncisão do coração” que substitua completamente o ritual físico . A essência da circuncisão é interior . Tal circuncisão é executada pelo Espírito Santo no coração do homem . Paulo neste processo redefine o significado de ser um verdadeiro judeu. (não na letra gramma , mas no Espírito , pneuma .

0Batismo Cristão_. Existe uma relação entre o Batismo e a circuncisão.

O Batismo Cristão , assim como a circuncisão se é efetuada no interior , embora contenha ritos exteriores . Eles são efetuados no coração pelo Espírito Santo .

A universalidade do juízo de Deus (Rm 3.9-20).

- Estes versículos apontam para a depravação e culpabilidade universal .

Paulo quase personifica o pecado , apresentando-o como um tirano cruel que mantém a raça humana cativa na culpa e debaixo de julgamento . O pecado esta em cima de nós , pesa sobre nós e é um fardo esmagador (vs. Rm 3.9 ; Gl 3.22) .

Este quadro mostra o estado tenebroso que a humanidade se encontra .

Três características ressaltam neste quadro :

1-A primeira delas é a ausência de Deus na vida que é marcada pelo pecado .

Quase no inicio vem a circuncisão de que não há ... ninguém que busque a Deus (v. 11) e no final , não há temor de Deus diante de seus olhos . (v 18)

2- Em segundo lugar , essa cadeia de versículos destaca a natureza destruidora do pecado, a capacidade que ele tem de infestar a nossa vida , pois ela afeta todas as partes da constituição humana , todas as nossas faculdades e funções , inclusive as nossas mentes , emoções , sexualidade , consciência e vontade (vs 13-17)

3- Em terceiro lugar as citações ensinam a universalidade do pecado (Rm3:23).

A Justificação pela fé (Rm.3:21-31)

O contexto da Reforma.

Eclode a Reforma por toda Europa.

Abre-se um novo caminho para a nossa aceitação diante de Deus, caminho este, completamente diverso do caminho da obediência legal. Contudo, não se trata de um caminho moderno idealizado por nós.

A “Justificação” é o tema central das doutrinas da Redenção na Igreja de Cristo. Ele é a doutrina que rompe as algemas que prendiam a alma de Lutero e a libertou. É a doutrina que tornou-se o próprio pulsar da reforma protestante.

“ Noite e dia eu refletia até que... captei a verdade de que a justiça de Deus é aquela justiça pela qual, mediante a graça e a pura misericórdia, Ele nos justifica pela fé. Daí por diante, senti-me renascer e atravessar os portais abertos do paraíso. Toda a Escritura ganhou um novo significado, ao passo que antes a justiça de Deus me enchia de ódio, agora se me tornou maravilhosamente bela e me encheu de maior amor. Esta passagem veio a ser para mim uma porta para o céu!” **(Martinho Lutero).**

Comentário de Lutero:

“Esta fé as Escrituras Sagrada ensinam: Esta é a rocha firme e o fundamento da religião cristã. Esta doutrina todos os autores velhos e antigos da igreja de Cristo aprovam.

Esta doutrina avança e ressalta a verdadeira glória de Cristo e derrota a vanglória humana. Todo aquele que nega a doutrina da **justificação pela fé** não deve ser contada como verdadeiro cristão... mas como adversário de Cristo”.

Pensamento Anglicano Contemporâneo:

“A justificação pela fé parece-nos, como a todos os evangélicos, ser o coração e centro, paradigma e essência, de toda economia da graça salvadora de Deus. **Como Atlas** carrega o mundo nos ombros, todo conhecimento evangélico do amor de Deus em Cristo para com os pecadores está ligado à essa doutrina.

Existem Igrejas protestantes e evangélicas hoje em virtude dessa doutrina central da fé cristã. **Geerhardus** vos disse: “ Ele é o eixo em torno do qual gira tudo mais”

Bavinck disse: “Esse é um artigo de fé junto ao qual a Igreja permanece de pé ou cai”

A justiça é concedida ao inocente, porém a justiça de Deus baseada nos méritos de Cristo, é concedida gratuitamente a pecadores condenados.

Por este novo caminho, judeus e gentios podem ser postos em correta relação com Deus. Podem ter certeza de ser aceitos por Ele e de receber Seu perdão gratuito.

Esta justificação é concedida gratuitamente, por Sua graça, mediante a obra redentora de Cristo realizada no calvário (Rm.3:22,24)

É Cristo quem Deus expõe diante dos nossos olhos como Sua justiça suprema, que isenta o homem da culpa e da condenação do pecado.

Definição: “O caminho da justificação pela fé é um ato da livre graça de Deus, no qual Ele perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos diante de Si” (C.F. Westminster)

O meio da justificação: A fé

De fato, Paulo expressa nos versículos 22, 25, 26, 28 e 30, que a nossa justificação é adquirida mediante a fé. **Sola fide**, foi um dos grandes lemas da Reforma.

John Wesley disse: “ Eu confio somente em Cristo, para a minha salvação”. A nossa salvação não está baseada na fé, mas sim exclusivamente em seu objeto, a saber, Jesus Cristo.

“ A fé é o olho que O contempla, a mão que recebe a Sua dádiva gratuita, a boca que recebe a água da vida” (John Stott)

A fé abrange nada mais do que a jóia preciosa que é Jesus Cristo!

“ Deus justifica ao que crê, não por causa do valor de sua crença, mas por causa do valor d'Aquele (Jesus) em que ele creu” **(Richard Hooker)**

Boas obras: Lei e Graça.

Algumas religiões ensinam forma de auto-salvação através das boas obras, da religião, da piedade e da filantropia.

A ineficácia da Lei Mosaica. (Gl.3:6-14) Gl.3:16;22-25.

A Culpa Humana (Rm.1,2,3,)

Somente Depois que o apóstolo Paulo discorreu sobre a culpabilidade Humana é que ele começou a destacar o Tema da Justificação . Todos pecaram (Rm 3.23)

A doutrina Justificação condena todo esforço humano , tendente a auto-justificação . (Ef.2:9,10)

Os sistemas religiosos não cristãos imaginam o homem “**movendo-se**” em direção a Deus, no entanto, Paulo ensina que **é Deus movendo-se** em direção ao homem caído.

O homem encontra sua justificação única e exclusivamente na misericórdia de Deus, em Cristo, ao ser ela oferecida no Evangelho e recebida pela fé. **(João Calvino).**

Judeus e gentios são convocados a comparecer diante do tribunal divino. O Senhor então, prova, à partir da autoridade das Escrituras, que judeus e gentios são todos pecadores.

Nesta doutrina jaz a verdade que preenche a maior necessidade que homem tem.
Como o homem pode relacionar-se com Deus?

Em primeiro lugar, Deus condena toda a humanidade, desde os tempos da criação do mundo, por sua ingratidão, visto que não há quem reconheça o Supremo Artífice na incomensurável excelência de Suas obras.

Os judeus e alguns gentios dissimularam sua impiedade interior, com um manto de santidade exterior, e de forma alguma pareceriam que seriam condenados por tais atos malignos, e portanto presumiram que se achavam isentos da condenação comum a todos os homens.

É por esta razão que o apóstolo dirige suas declarações contra essa dissimulada santidade, visto que esta “**máscara de Santidade**” dificilmente poderia ser retirada desses que a si mesmos se declaravam santos. Paulo os convoca a comparecerem perante o Tribunal de Deus, cujos olhos jamais deixam de ver mesmo os desejos mais secretos dos corações dos homens.

A Justificação é um ato de Deus. É Deus quem Justifica.

Pois trata-se de um ato e não de um processo

A justificação não se deriva de qualquer coisa operada em nós. A Justificação não transforma o nosso coração , nossa alma ou nossa vida, Pois é algo externo a nós mesmos.

Trata-se de uma declaração a nosso respeito , é um ato declaratório de um juiz a respeito de um pecador. Nessa declaração , Deus declara –nos Justos.

No Ato Justificação Deus revela Duas coisas:

1. Ele nos declara justos (Não condenação) Rm 5:1
2. Ele lança em nossa conta a perfeição e retidão de Cristo.(**Imputação**)

Ex.Davi-(Rm.4:6-8)

O Profeta Isaías descreve a cena para nós, nós seguintes termos (**Isaías 61:10**)

Coisa alguma na mão eu trago, é só na cruz me agarro.

“Com os olhos fixos em uma miragem , negam-se a beber a Verdadeira água. E sucubem de sede em meio ao oceano da graça divina” (James Kennedy)

Os Frutos da Justificação

Após a nossa justificação, o Apóstolo Paulo nos mostra os frutos desta justificação. No Livro de Romanos, ele nos apresenta algumas palavras chaves que são associadas à justificação. São elas:

Redenção. (Rm. 3:25) A primeira palavra é **Apolytrosis** , isto é, redenção. É um termo comercial emprestado dos mercados, da mesma forma que justificação é um termo legal emprestado dos tribunais.

No Antigo Testamento ela era usada para escravos que eram comprados para serem libertados; dizia-se que eles haviam sido remidos (Lv. 25:47-49). O termo também era usado metaforicamente com referência ao povo de Israel, que foi remido do cativeiro, primeiro no Egito, e depois na Babilônia, e em seguida restaurado à sua própria terra.

De igual maneira, nós éramos escravos ou cativos, presas do pecado e da culpa e completamente incapazes de libertar-nos. Mas Jesus Cristo nos “redimiu”, nos comprou e libertou-nos do cativeiro, derramado, como preço pelo resgate, os eu próprio sangue. Ele mesmo dissera que o propósito de sua vinda era para dar sua vida em resgate por muitos (Mc. 10:45). E agora, em consequência de sua aquisição, ou “Salvamento por resgate”, nós pertencemos a Ele (I Pd.1:18-20)

Propiciação. (Rm. 3:25) A segunda palavra é **Hilastérion**, ou seja, propiciação. Esta palavra é traduzida por “propiciatório”, referindo-se a tampa de ouro da Arca da Aliança que ficava no Santo dos santos, no templo. No dia da “Expição”, o sangue do sacrifício era salpicado sobre a tampa da Arca, o chamado propiciatório, onde Deus e os pecadores são reconciliados.

Lutero chamou tal lugar como a “Cadeira da Graça”. Tanto Calvino como Lutero apoiavam tal ponto de vista.

Na sexta-feira da Paixão, Deus instituiu um lugar público de propiciação. Nele Cristo se entregou pessoalmente como sacrifício pelos nossos pecados. O propiciatório foi exposto publicamente, por Deus, embora o propiciatório no Velho Testamento estivesse escondido dos olhos humanos.

C. H. Dodd afirma que a palavra Hilastérion denota a expiação (o cancelamento do pecado) e não a propiciação como: (o desviar a ira de Deus). Embora esta palavra contenha um sentido de desviar a ira de Deus (Lm 3:42-43) não se trata de um processo de suborno celestial, porque a remoção da sua deve-se, em última análise, ao próprio Deus. O livro de Romanos conclui que tantos gentios e judeus são pecadores e são sujeitos à sua e a condenação divina.

Quando Paulo passa a tratar da salvação, pensa na morte de Cristo como Hilastérion (Rm 3:25), um meio de remover a ira divina. O amor do Pai é demonstrado nisso: Ele enviou o Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados (I Co. 4:10).

O propósito de Cristo ao se tornar “misericordioso” e fiel sumo sacerdote foi fazer propiciação pelos pecados do povo (Heb 2:17). A sua propiciação é adequada para todos (I Jo. 2:2)

Reconciliação: (Rom.5:9-11) – A relação com esta palavra expressa a idéia de quando a alienação ou a inimizade é vencida e a unidade é restaurada : trazendo a ovelha perdida ao aprisco, o pródigo ao pai, o perdido a Deus (Lc.19:10). A reconciliação inclui também a idéia: aqueles que estavam longe, mas que foram trazidos para perto, os estranhos que foram feitos concidadãos da família, as paredes divisórias que foram removidas. O testemunho dos resultados da reconciliação concentra a sua atenção especialmente na paz com Deus (Rm.5:1; Ef.2:14-19; Cl.1:20).

A base da reconciliação é a morte do Filho de Deus, por intermédio da cruz, pelo sangue da sua cruz, no corpo de Sua carne, mediante a Sua morte (Rm.5:10;Ef.2:16;Cl.1:20-22).

“Ora, tudo provém de Deus,. Que nos reconciliou consigo mesmo, por meio de Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação” (II Cor. 5:18,19).

Imputação. (Rm. 4:3,6-8,20-24). É um conceito amplo com seu centro teológico na expiação. Significa “creditar à conta de alguém” é uma tradução adequada do termo “Logizomai”. É um termo forense que tem suas raízes na linguagem comercial e jurídica do mundo grego - romano. É neste sentido que Paulo pede que Filemon lhe transfira as dívidas de Onésimo (Fm 18) – “E se algum dano te fez, ou se te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta”).

No Novo Testamento é declarado que os Cristãos recebem a “justiça” de Deus como o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo (Rm. 5:15). Assim como Deus considerou Abraão como justo, exclusivamente com base na sua fé (Gn 15:6, Rm 4:3), assim também outros são abençoados de modo semelhante, quando o Senhor não lhes imputa a iniquidade deles (Sl. 32:1-2, Rm 4:7-8). Este ato judicial divino é baseado, não no mérito humano, mas no amor de Deus (Rm 5:6-8).

A doutrina da imputação do pecado nunca teve como seu propósito a negação da liberdade e culpa pessoais. Pelo contrário, sempre visou enfatizar a cumplicidade universal da parte da humanidade. A idéia da imputação não oferece para o pecado uma culpa ou uma expiação, mas somente um julgamento. Temos a necessidade da graça de Deus (Rm 6:23).

Paz com Deus (Rm 5:1) A busca pela paz seja no âmbito internacional, industrial, familiar ou pessoal é uma obsessão universal do ser humano. O termo grego “Eirene” aparece aqui, sendo essa palavra a tradução regular do termo hebraico “Shalom”. Essa palavra pode ser usada para indicar todas as variedades das bênçãos favoráveis, que criam um sentimento ou estado de bem estar. Inerente a esta palavra destaca-se igualmente a idéia de ordem ou repouso. Aqueles que foram justificados e estão reconciliados com Deus, gozam dessa harmonia, dessa ordem, desse repouso, ou seja, do bem-estar não meramente intelectual, mas também espiritual e que se estende ao bem estar da alma em sua existência total.

No entanto no presente versículo, a paz que o crente goza é uma paz judicial que é contrastada com a anterior “inimizade” criada pelo pecado, entre o homem e Deus, descrita pelo apóstolo Paulo. A paz de Deus fala do efeito imediato da justificação. Éramos inimigos de Deus (5:10), porém agora o perdão de Deus quebrou a antiga inimizade e estamos em paz com Ele.

O privilégio inalienável de todo cristão é a paz com Deus (Fl. 4:9) por causa do legado da paz deixada por Cristo na sua morte (Jo 14:27, 16:33). Essas bênçãos não são benefícios guardados somente na glória eterna, são também uma possessão do presente (Rm 18:6, Cl. 3:15). Sendo assim, a paz é um conceito distintamente peculiar ao cristianismo.

HAMARTIOLOGIA : DOCTRINA DO PECADO (Rm.5:12)

A Hamartiologia, ou doutrina do pecado, é considerada freqüentemente com ramo da Antropologia, a ciência do homem.

1- Hamartia: O termo é aplicável ao pecado, quer seja considerado como ato, quer como estado ou condição. Significa um desvio do fim ou da rota marcada por Deus.

Encerra a idéia de errar o alvo ou perder o caminho certo. (significa uma flecha que erra o seu alvo)

2- Parábasis: Significa ato como transgressão da lei. O pecador que viola a lei de Deus torna-se um rebelde num sentido moral.

3- Adikia: Significa tortuosidade ou torcimento do que era reto. Não refere tão somente a atos pervertidos, mas ao estado de injustiça ou desordem resultante de tal perversão.

4- Anomia: Ressalta-se uma vez mais o estado do pecado em vez de o ato. É uma condição caracterizada pela falta de conformidade com a lei, ou a ilegalidade. O pecado representa não simplesmente um estado de desorganização, mas um estado confuso de rebelião contra Deus.

Asébeia: Impiedade. Marca a separação da alma com relação a Deus. Também é um estado ou condição caracterizada pela ausência de Deus. É um termo forte, Paulo usa-o em Rm.1:18. O termo encerra o pensamento de abeirar-se à perdição. (Jd.14,15).

João Wesley define pecado como: O pecado é a transgressão voluntária de uma lei conhecida de Deus.

A.H.Strong: O pecado é a falta de conformidade com a lei moral de Deus, quer seja em ato, em caráter ou estado.

O Pecado Original e Depravação Herdada ou total.

O termo não se encontra na Bíblia, mas o mesmo foi introduzido por Agostinho na sua controvérsia com os Pelagianos. O pecado Original aplica-se geralmente a condição natural da vida espiritual do homem separada da graça Divina.

A expressão depravação total ou herdada aplica-se ao estado ou condição do homem por nascimento.

Esta depravação atinge as áreas: moral, física e espiritual – A pessoa toda é afetada. Todo o ser humano.

É um estado de desordem do próprio fundamento do ser humano donde as más tendências, os afetos desordenados e os impulsos viciosos. (Is.1:5, Rm.7:17, 18, 3:9-19, Sl.14:1-3).

As Escrituras ensinam que a presença da morte no mundo, com todas as suas más conseqüências, se deve ao pecado do homem. (Rm.5:12-14, 17-18)

* Todos os homens “nasceram” sob a pena de morte como conseqüência do pecado de Adão e que nasceram também com a natureza depravada.

Passagens Bíblicas: (Sl.51:5, 58:3) O primeiro destes versículos emprega a palavra “iniquidade” que implica a moção de uma natureza pervertida ou degenerada desde a concepção da vida.

O segundo versículo implica uma noção ainda mais completa: Alienação ou afastamento de Deus que é claramente herdado porque começa com o nascimento.

São numerosos as referências do Novo Testamento ao caráter moralmente depravado da raça humana. (Mc.7:20-23).

Jesus afirma que as más ações têm a sua origem no coração natural do homem.

Paulo usa repetidamente o termo “carne” com referência a natureza depravada do homem. (Rm.8:5, 6, 9, 13; Gl.5:24).

Todas estas passagens demonstram que a inclinação para o pecado pertence à natureza humana decaída.

O Pecado Original é o defeito e a corrupção de todo homem por meio da qual o indivíduo está muito distanciado da retidão original e é, por sua própria natureza, inclinado para o mal, de maneira que carne sempre tem desejos contrários ao Espírito, e portanto, em cada pessoa nascida neste mundo ele (o pecado original) merece a ira de Deus e a sua condenação (**confissão de fé anglicana**).

Depravação Herdada: Esta expressão aplica-se ao estado ou condição do homem por nascimento. Exprime a depravação moral do homem em seu estado natural. Esta condição pertence a “pessoa toda”, não simplesmente a uma parte do seu ser, como, por exemplo, à vontade. É um estado de desordem do próprio fundamento do ser humano onde saem às más tendências, os afetos desordenados e os impulsos viciosos.

A transmissão do Pecado Original

Modo Genético: Esta expressão aplica-se a lei natural da Hereditariedade. É a lei da vida orgânica que todo ser reproduz a própria espécie. Isto não se refere simplesmente à estrutura anatômica e características, físicas, mas também a vida mental e ao caráter. A lei da transmissão genética determina a semelhança dos descendentes para com os pais.

A Transmissão do Pecado Original: O Pecado Original ou Depravação Herdada teve a sua origem no pecado de Adão, de modo que esta depravação se transmite a cada indivíduo da raça humana.

Pecado Original e Pecado Factuais:

“A Solidariedade da Raça” (Rm. 5:12-21)

A representação de Cristo como o “**ultimo Adão**”, em contrapartida ao “**primeiro Adão**”, é traço proeminente da Cristologia de Paulo.

Quando um homem falha na realização do propósito divino, Deus levanta outro para tomar-lhe o lugar. Josué substituiu Moisés, Davi substituiu Saul, Eliseu substituiu Elias. Mas quem poderia tomar o lugar de Adão? Somente alguém que fosse capaz de desfazer os efeitos do pecado de Adão, o de ser o iniciador de uma **nova humanidade**.

A solidariedade do pecado.

Para o apóstolo, Adão era sem dúvida um indivíduo histórico, o primeiro homem. O nome de Adão significa no hebraico: **Humanidade**. A humanidade inteira é vista como tendo originalmente pecado em Adão. Toda raça humana estava comprimida em Adão (Gn. 3).

Nenhum homem é uma ilha, completa em si mesma, todo homem é pedaço do continente, uma parte do todo.

A morte de cada ser humano **me diminuiu**, porque estou envolvido na humanidade.

Paulo distingui duas espécies diferentes de solidariedade. A velha solidariedade com Adão trouxe o pecado e a morte. Na nova criação veio a luz que rompeu a velha para ser substituída pela nova solidariedade em Cristo trazendo graça e vida.

Thomas Goodwin disse: “Há dois homens: Adão e Cristo e todos os outros homens estão pendurados nos cinturões deles dois”.

Assim, se a queda de Adão colocou toda a sua posterioridade sob o domínio da morte, a obediência de Cristo introduziu triunfalmente uma nova raça nos domínios da graça e da vida.

As duas humanidades: (Em Adão e em Cristo)

Paulo chamou Adão de “Tipo ou Protótipo” de Cristo (v. 14)
Como é possível comparar o Senhor da glória com o homem da humanidade, o Salvador com o pecado, o doador da vida com o agente da morte?

Anders Nygren: Lá estão Adão e Cristo, como os respectivos cabeças das duas eternidades. **Adão** é o cabeça da velha eternidade, a era da morte, **Cristo** é o cabeça da nova eternidade, a era da vida.

A transgressão de Adão foi para a queda, ele insistiu em seguir o seu próprio caminho.
O sacrifício de Jesus foi para a vida (salvação, restauração...)
Há um contraste enorme entre essas duas Humanidades.

Tornaram pecadores...se tornaram justos: (v. 19)

Hodge: A desobediência de Adão... foi a razão para serem colocados na categoria de pecadores; assim como a obediência de Cristo foi a razão para serem colocados na categoria dos justos.

Dr. Lloyd Jones disse : Olhe para Adão e enxergue a si mesmo: você, embora não tivesse feito, foi declarado pecador. Olhe para você mesmo em Cristo, e veja que embora você nada tenha feito, você é declarado justo.

Nós estamos **em Adão** por nascimento, mas estamos **em Cristo** somente pelo novo nascimento e pela fé.

Vs. 15. A ato da graça suplantou o ato maléfico.
O primeiro Adão espalhou o ministério da morte;

A única saída: O próprio Deus age, entra em cena a graça de Deus ao homem (Jesus). Ele quebra o âmbito do poder da morte (I Co. 15:55-57, Cl. 2:14-15).

“A morte da morte na morte de Jesus Cristo”

“A morte assinou o seu atestado de óbito na morte de Jesus”

Todas as pessoas estão em Adão (pecado original), mas não automaticamente em Cristo (Elas precisam nascer de novo para estarem em Cristo).

O mundo todo é influenciado por esses dois modelos.

- Grande parte da humanidade sofre influencias direta (primeiro Adão).
- A outra parte da humanidade conseqüentemente sofre influencia direta do segundo Adão (Jesus).

“A eternidade humana, bem como o seu destino eterno, será definido por qual Adão temos sido influenciados”.

“Mas, onde abundou o pecado, superabundou a graça”.

“A graça de Deus é maior que os meus pecados”.

Unidos a Cristo e escravos de Deus. (Rm. 6:1-23)

* No capítulo 6, Paulo lança o alicerce para o tema **“O cristão e o pecado”**

- As palavras pecado e pecar são usadas 17 vezes neste capítulo por Paulo.
- Paulo começa rejeitando veementemente a noção de que a “graça de Deus” nos confere um aliança para pecar.

As teses de Paulo para o crente não pecar:

1. Nós morremos para o pecado(v.2)

O que Paulo declara aqui não é a impossibilidade de não mais pecarmos.

J.B.Phillips diz: “Nós, que morremos para o pecado, como poderíamos ainda viver no pecado?”

Paulo está se referindo, não a uma morte para o poder do pecado, mas a uma morte a sua culpa, uma morte que é para a nossa justificação.

Estar morto para o pecado, não significa que não nos encontramos mais sob seu domínio, ou estando fora do território e da jurisdição do pecado.

2. Nós fomos batizados na morte de Cristo (v.3)

Aqueles que pensam que os cristãos estão livres para pecar, ainda não entenderam o real significado do batismo.

O Batismo significa a nossa união com Cristo.

Assim a união com Cristo pela fé, que invisivelmente é afetada pelo Espírito Santo, é visivelmente significada e selada pelo Batismo.

“O Batismo é nossa certidão de óbito”.

3. O propósito de Deus é que participemos também na ressurreição de Cristo. (vs. 4,5)

- **Os vs.3-5** contem referências à morte, sepultamento e ressurreição de Cristo, como também a nossa participação com Ele nestes três eventos.

* Estes três eventos tem um simbolismo significante na vida do crente.

“O mergulho nas águas correntes foi como uma **morte**; o momento em que as águas passaram sobre a cabeça foi como um **sepultamento**; e o erguer-se outra vez para respirar a luz do sol foi uma espécie de **ressurreição**”. **(Sandy e Headlam)**.

4. O velho homem foi crucificado com Cristo.(v.6)

Ele começa ser velho, quando sua regeneração tem início, e sua velha natureza é gradualmente destruída.

- Paulo está se referindo a toda nossa natureza, a qual trazemos desde o ventre materno.

- Este velho homem é pregado na cruz de Cristo, porque, pelo seu poder Ele jaz morto.

- A cruz é a única fonte da nossa mortificação, é nossa participação na morte de Cristo. (Gl.2:19,20)

* **Análise dos vs. 12-14.**

- Instrução fundamental na condição e responsabilidade do cristão.

- Nós temos que dar um “**cartão vermelho**” ao pecado.

- Onde Cristo é o Senhor, o pecado tornou-se “**ilegal**”.

* **Análise dos vs. 15-23.**

- A vida sob o senhorio de Jesus Cristo como presente de liberdade.

- Há uma troca de senhores, porém o serviço escravo persiste. (vs. 17, 18, 22)

“O CRISTÃO E A LEI” (Rm. 7)

No cap. 7 a palavra “lei” é citada 23 vezes.

A lei revela o pecado não a salvação, ela produz ira, não graça.

Para os judeus os preceitos da lei eram: “mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado, e eram mais doces do que o mel e o destilar dos favos”. (Sl.19:10).

O verdadeiro judeu tem prazer na lei de Deus. Porém, Paulo ensina que fomos libertados dela . vs. 6) Paulo afirma que não estamos mais sob a lei, mas sim sob a graça de Deus. (Rm. 6:14).

“Porque o fim da lei é Cristo para a justiça de todo àquele que crê” (Rm. 10:4)

Podemos dividir este cap. 7 em 3 pontes:

- Livres da lei para servimos a Deus no Espírito. (1-6)
- Uma defesa da lei, contra a calúnia de que Ele leva ao pecado e ao pecado e a morte. (7-13)
- A fragilidade da lei, já que ela não pode justificar, nem santificar os pecadores. (14-25).

1 – Livres da Lei: uma metáfora do casamento (1-6)

a) O principio legal (v.1)

A lei tem domínio sobre o homem toda a sua vida. A palavra domínio expressa a autoridade imperiosa da lei sobre aqueles que lhe estão sujeitos. Essa autoridade, no entanto, limita-se a duração da vida. **O que a invalida é a morte.** A lei é válida para quem vive, a morte anula-a.

Ex.: Analogia do casamento (2, 3)

O contrato é claro: A lei a prende ao marido, mas a morte a liberta. Sua libertação é completa.

O apóstolo esta dizendo que o status da mulher como esposa foi abolido, completamente desfeito. Ela deixou de ser esposa.

Aplicação Teológica (v.4)

- Paulo deixa as leis humanas e volta-se para a lei de Deus.
- Enquanto “vivemos” a lei reivindica senhorio sobre nós.
- Antes éramos casados com a lei e estávamos sujeitos a sua autoridade, mas **a morte** dá fim ao contrato de casamento e permite casar-se outra vez.

* **Paulo diz:** vocês morreram para a lei (v. 4). Esse fato nos possibilita casar novamente ou pertencer a outro.

- Quando nos unimos a Cristo, nós participamos da sua morte (Rm. 6), e assim nos tornamos **viúvos da lei** e autorizados a nos casar com a graça de Deus.

- O propósito da ilustração de Paulo é que a morte garantiu a nossa libertação da lei e o nosso casamento em Cristo.

* **Contraste importante: (5, 6)**

Na nossa vida pregressa éramos dominadores por um terrível quarteto: a **carne**¹, a **lei**², o **pecado**³ e a **morte**⁴. Mas, agora uma vez libertados da lei, somos agora escravos de Deus pelo poder do Espírito .

- Produzíamos frutos para a morte, mas agora produzimos frutos para Deus.

- Para a nossa justificação, portanto, não estamos mais “**debaixo da lei**”, mas debaixo da graça (6:14). Continuamos sendo escravos, porém o senhor a quem servimos é Cristo, não a lei, e o poder com o qual servimos é o Espírito , não a letra.

* A vida cristã esta a serviço do Cristo ressurreto no poder do Espírito .

“O CRISTÃO E O ESPÍRITO SANTO” O Espírito de Deus nos filhos de Deus (Rm.8)

* Este capítulo é considerado como a catedral da fé.

- A pneumatologia do capítulo 8. (pneuma-espírito)

- Em Rm. Cap.7 Paulo dedicou-se ao papel da lei, neste cap. 8 sua preocupação é com a obra do Espírito Santo.

E.Saweizer expõe: “Muito antes de ser objeto da doutrina, o Espírito era, para a Igreja, um fato experimentado”.

Paulo apresenta aqui um contraste entre a fragilidade de lei e o poder do Espírito Santo. (Ele é o antídoto para uma vida vencedora)

- A vida cristã constitui essencialmente em vida no Espírito, ou seja, uma vida que é animada, sustentada, orientada e enriquecida pelo Espírito Santo.

- Sem o Espírito Santo o verdadeiro discipulado cristão seria inconcebível, ou melhor impossível.

* O Espírito Santo é o selo de Deus no homem. (Ef.1:13, 14, 14; 4:30; II Co.1:22).

- Neste capítulo Paulo alarga a nossa mente, pois o horizonte que se nos descortina vai de **eternidade a eternidade**.

- Ele começa o capítulo 8 com “nenhuma condenação” (1) e termina com “nenhuma separação” (39). Em ambos os casos referindo-se aqueles que estão em Cristo (Ex.)

Análise do Texto: (O ministério do Espírito de Deus) Rm.8:1-17

(V.1) Nenhuma condenação: Essas palavras se equilibram e “Justificação” e está em sintonia com Rm.5:1. “Justificados, pois...”

* No lugar de **Katakrima** (condenação e execução) entrou a **Dikaioma** (absolvição como justo) “vida justificada”.

- No final do capítulo o apóstolo Paulo argumenta que esta justificação foi feita em Cristo Jesus. (Rm.8:33-34).

- Quem tentará acusação... É Deus quem os justifica. (v.33)

- Quem os condenará? (v.34).

* A nossa justificação está seguramente alicerçada no que Deus fez por nós em Jesus Cristo e através Dele.

- Condenou, Deus, na “**carne**”, o pecado (v.3). Ou seja, na carne ou humanidade de Jesus, real e sem pecado, embora feito pecado ao assumir os nossos pecados. Deus julgou os nossos pecados na humanidade sem pecado de seu Filho, que os levou em nosso lugar.

(Vs.4-8) Paulo assevera que as únicas pessoas em quem a justa exigência da lei pode ser cumprida são aqueles que vivem não: (**kata sarka**) segundo a carne, mas (**kata pneuma**) segundo o Espírito .

- O contraste aqui é entre uma vida dominada pela carne (natureza pecaminosa interior) e uma dominada pelo Espírito Santo.

“**Carne**” Não se refere ao tecido muscular mole e macio que cobre o nosso esqueleto, nem aos apetites do nosso corpo, mas sim ao todo que compõe a nossa natureza humana, vista como **corrupta e irredimida**, “nossa natureza humana caída e egocêntrica”, ou o “**Ego**” **dominado pelo pecado**.

“**Espírito**” Não é uma alusão ao nível mais elevado da nossa humanidade. A “esfera espiritual”, mas à própria pessoa do Espírito Santo, que agora não somente “regenera”, mas também “habita” o povo de Deus.

* A nossa inclinação tem conseqüências eternas. (v.6) (vida ou morte)

* São duas categorias de pessoas (os não regenerados) “na carne”, e (os regenerados) que estão no Espírito . São “dois padrões de vida” totalmente diferentes, que resultam em “dois estágios espirituais” (morte ou vida, inimizade ou paz)

- O nosso destino eterno depende de qual categoria pertencemos, a que padrão de vida cultivamos e a que estágio pertencemos.

* Habitados pelo Espírito Santo (v.9-15).

- O Espírito Santo é propriedade da igreja;
- Só a igreja verdadeira possui o Espírito Santo.

Conhecer a Cristo e ter o Espírito são uma experiência única e inseparável.

A partir daí poderá haver muitas outras manifestações do Espírito, mais ricas e variadas, assim como unções totalmente novas e diferenciadas para tarefas específicas. Mas essa experiência pessoal de se tornar habitação do Espírito é um privilégio de todo crente desde o início.

- O testemunho do Espírito . (14:17)
- O Espírito testemunha nossa filiação
- O Espírito nos conduz à Santidade (14)

É o Espírito Santo que santifica a igreja (v. 13)

Há uma santa direção: - Somos levados pelo Espírito. O Espírito arrasta o homem para onde a carne não se disporia a ir. É ser constrangido por uma força compulsiva.

Obs¹. O Espírito não força! O Espírito ilumina e persuade. O impulso pode ser muito forte, mas não há aqui nenhuma coação ou compulsão.

Obs². A vida rica, nova e abundante é desfrutada por aqueles que mortificam as obras da carne e consiste na experiência de se tornar filhos de Deus.

- Somente os que são guiados pelo Espírito são de fato filhos de Deus.
- O Espírito lança fora o medo (15).

* A escravidão foi quebrada

A Doutrina da Predestinação e Eleição, segundo Armínio e Calvino.

O ato da predestinação é um ensinamento bíblico, porém necessitamos resolver os problemas que surgiram à partir de tal doutrina.

João Calvino era um erudito que fundou a Universidade de Genebra (Suíça), com a finalidade de preparar ministros.

Tiago Armínio nunca abandonou sua crença na predestinação divina, porém viu a posição bíblica sobre a predestinação sob uma luz diferente do Calvinismo.

Sínodo de Dort.

O Sínodo de Dort iniciou-se a 13 de Novembro de 1618 e continuou durante 154 sessões, finalizando-se a 9 de maio de 1619. Cento e dois calvinistas holandeses ortodoxos foram membros oficiais da Conferência junto com 28 delegados de países estrangeiros. Estiveram presentes 13 representantes Arminianos, porém eram presos de Estado, condenados por traição por causa de seus conceitos teológicos e da tolerância no concernente às relações entre a Igreja e o Estado, por isso, não tinham voz nem voto. Como resultado, os cinco pontos do Calvinismo foram declarados unanimemente a posição oficial do Calvinismo e os cinco pontos **Remonstrantes** foram tachados como heréticos.

A Dupla Predestinação.

Predestinação para a salvação

Predestinação para a perdição

Armínio viveu e morreu como calvinista.

Textos a respeito da Predestinação e Eleição. (Rom.8:29,30; 9:11-13; Ef.1:4,5,11; II Tes.2:13; II Tm.1:9; Jo.6:37,39,44,65; 13:18; 15:16,19; Mt.11:25-27; 22:14; I Tes.1:4; I Ped.1:1,2; II Ped.1:10).

Os cinco pontos do Arminianismo e do Calvinismo.

Os cinco pontos Calvinistas **TULIP** (Depravação Total, Eleição Incondicional, Expição Limitada, Graça Irresistível ou Chamada Eficaz e Perseverança dos Santos).

Remonstrantes – Posição Arminiana contrária ao 5 pontos Calvinistas.

Qual foi a síntese da declaração de fé Arminiana, e a síntese da doutrina Reformada que ficou conhecida como os cinco pontos do calvinismo? Em outras palavras, quais foram as doutrinas reformadas que os Arminianos queriam alterar, mas que foram confirmadas no Sínodo de Dort?

1- Uma das doutrinas fundamentais questionadas, foi a doutrina da **Queda**. Mais especificamente, a natureza da corrupção que a Queda produziu no coração do homem. Até onde o pecado corrompeu a vontade humana no que diz respeito à salvação?

O Arminianismo defende o **livre-arbítrio** ou a capacidade humana. Segundo eles o homem em seu estado natural tem, em si mesmo, a capacidade para responder negativa ou positivamente ao Evangelho. A Queda não o deixou totalmente incapacitado para escolher no que diz respeito às questões espirituais. Ainda em estado de pecado, sem uma operação prévia do Espírito Santo, ele pode cooperar com a fé e o arrependimento. A corrupção espiritual produzida pela queda, portanto, para os Arminianos, foi apenas parcial.

O calvinismo entende o oposto. Entende que, depois da Queda, o homem não tem mais livre-arbítrio. Ele continua responsável, pois o estado de pecado em que se encontra foi decorrente da sua livre decisão no Éden. Mas agora, em estado de pecado, a vontade do homem foi escravizada pelo pecado que o cegou, impedindo-o de discernir e conseqüentemente decidir positivamente, por si mesmo, em questões espirituais vitais para a salvação. Entende que a corrupção espiritual produzida pela Queda foi tal que, espiritualmente falando, o homem está morto nos seus delitos e pecados. Assim, para o Calvinista, o homem não precisa apenas de justificação, mas de **vivificação**; ele primeiro precisa ser regenerado pelo Espírito Santo de Deus, para que então, só então, possa ser convencido do pecado e se arrependa, e seja iluminado para crer no Evangelho da salvação. Para os Calvinistas, a Queda foi realmente uma queda e não um tropeço, ou um escorregão sem maiores conseqüências.

2- Outra doutrina rejeitada pelos Arminianos, foi a doutrina da **Eleição**. O Arminianismo crê na **eleição condicional**; na eleição baseada na presciência de Deus. Crê que Deus, antes da fundação do mundo, escolheu aqueles a quem anteviu que se arrependeriam e criam no Evangelho. Trata-se, portanto, de uma eleição condicional – a condição é o arrependimento e a fé. Ou seja, Deus elege aqueles a quem previu que o elegeriam.

O Calvinismo, por sua vez, crê na **eleição incondicional**. Crê que a escolha de alguns homens para a santidade e para a vida não se baseia em nenhum mérito ou virtude humana, nem mesmo na fé ou no arrependimento; mas unicamente no amor e na misericórdia de Deus como expressão da sua livre e Soberana vontade. Para os Calvinistas, a fé e o arrependimento não são condição, mas resultado da eleição, o meio que Deus escolheu para aplicar a salvação aos eleitos. Deus não elege porque antevê arrependimento e fé; Ele produz arrependimento e fé porque elegeu.

3- Outro item da representação Arminiana, dizia respeito à doutrina da **Expição**. As Escrituras afirmam que Cristo nos resgatou do pecado morrendo na cruz em nosso lugar; o justo pelo injusto. Pois bem, *por quem Cristo morreu?*

O Arminiano crê na **Expição geral ou ilimitada** (na redenção universal). Ou seja, que Cristo morreu na cruz por todos os seres humanos indistintamente. *Crê que a expiação de Cristo não foi individual, mas potencial.* Cristo não morreu na cruz em substituição a cada um dos eleitos individualmente, mas de modo geral, por toda a raça humana, permitindo, assim, que Deus perdoasse os pecados daqueles que viessem a crer nele. Desse modo, a doutrina Arminiana

da expiação apenas tornou possível a salvação de todos, mas não assegurou a salvação de ninguém.

Já o Calvinismo crê na **Expição limitada** de Cristo. Isto não quer dizer que a expiação de Cristo não seja suficiente para a salvação do mundo inteiro; mas que foi **eficiente** apenas para a salvação dos eleitos, pois este foi o seu propósito. Ou seja, Cristo morreu na cruz, não apenas potencialmente, mas em substituição verdadeira e individual aos eleitos. O Calvinismo não entende que Cristo veio ao mundo apenas para possibilitar a redenção (de todos), mas para efetivamente redimir (os eleitos) através de sua morte vicária e expiatória na cruz. **A expiação não é potencial e geral, mas objetiva e pessoal.**

4- O item seguinte da representação Arminiana era com relação à doutrina da **Graça**; a natureza da graça de Deus em alcançar os pecadores; a eficácia do chamado de Deus; a Soberania do Espírito Santo na aplicação da obra da redenção.

O Arminianismo crê na **Graça resistível**. Ou seja, que depende do pecador permitir que a graça de Deus o alcance, ou que resista a ela. Crê que a aplicação da redenção ao coração dos pecadores não é obra soberana do Espírito Santo, mas depende da vontade livre do homem que pode submeter-se ou resistir à graça de Deus. Os redimidos não serão aqueles a quem Deus eficazmente chamou, mas aqueles que decidem aceitar o apelo geral e indistinto do Espírito.

Os Calvinistas crêem na **Graça irresistível**; na Soberania de Deus em aplicar a redenção no coração dos eleitos; no chamado eficaz de Deus para a salvação. Os Calvinistas crêem que o que faz alguns submeterem-se e outros rejeitarem a vontade de Deus, em última instância, é a graça irresistível de Deus em chamar eficazmente os eleitos para a salvação. Crêem que a ação de Deus no coração dos seus eleitos não poderá ser eficazmente resistida; isso não quer dizer que os pecadores serão convertidos à força, mas que suas vontades serão eficazmente convencidas; serão levados ao arrependimento e crerão no Evangelho, de modo que acabarão respondendo positivamente ao chamado do Espírito Santo.

Os Calvinistas crêem que a ação do Espírito Santo no coração dos eleitos é invencível; que a graça de Deus para com eles é irresistível; e que os propósitos de Deus na eleição e a obra de Cristo na expiação serão efetivamente aplicados pelo Espírito Santo. Em outras palavras, os Calvinistas crêem que a quem Deus elegeu, a estes também chamou, e a estes também justificou. Crêem que não há eleito que não seja chamado; e que não há chamado que não seja justificado.

5- O quinto e último ponto da doutrina Calvinista a combatido pelos Arminianos relacionava-se com a doutrina da **Salvação**. Ou melhor, com a **perseverança na salvação**; a durabilidade, certeza, consumação, ou eternidade da salvação; que a salvação pode durar ou não, dependendo da própria determinação humana. É coerente. Se a salvação para eles depende do livre-arbítrio, é de se esperar que a glorificação também dependa da determinação da vontade humana. Assim, crêem que o salvo pode cair da graça, pode efetiva e definitivamente apartar-se da graça de Deus, se não permanecer na fé. Em outras palavras, para os Arminianos é possível ser salvo hoje, e amanhã não.

Os Calvinistas ensinam o oposto: a **Perseverança dos Santos**. Ensinam que a mesma graça de Deus que os salvou, agirá eficazmente nas suas vidas, de modo que não poderão cair total e finalmente da graça de Deus. O Calvinista crê que a justificação, a regeneração e a adoção são obras irreversíveis; que já não pode mais haver condenação para os que estão em Cristo Jesus. Crê que, visto que Deus começou a obra, haverá de completá-la; e que não há justificado que não será glorificado. Isso não quer dizer, entretanto, que o salvo não mais cometa pecado; mas que Deus, sendo fiel, não permitirá que seus eleitos sejam tentados além das suas forças e que lhes concederá o auxílio necessário a fim de que possam resistir às tentações, e não venham jamais a se apartar definitivamente da graça de Deus.

O Calvinismo é a maneira teocêntrica de pensar acerca da vida, sob a direção e controle da própria Palavra de Deus.

O Diálogo entre Charles Simeon e John Wesley, que foi dado no dia 20 de dezembro de 1784.

“Senhor, sei que o chamo de **Arminiano**; e algumas vezes sou chamado de **Calvinista**; portanto, deveríamos desembainhar as espadas. Porém, antes de consentir em iniciar o combate, permita - me fazer - lhe algumas perguntas...

Diga-me: o Senhor se sente uma criatura depravada, tão depravada que nunca teria pensado em voltar-se para Deus, se Ele não tivesse colocado isso em seu coração? Sim, replicou o veterano, sinto-o realmente. E não tem esperança alguma de tornar-se aceitável perante Deus por qualquer coisa que possa fazer por si; e espera na salvação exclusivamente através do sangue e da justiça de Cristo? Sim, unicamente por meio de Cristo. Mas, Senhor, supondo-se que foi inicialmente salvo por Cristo, não poderia de alguma outra forma, salvar-se depois, através de suas próprias obras? Não, mas terei de ser salvo por Cristo do princípio ao fim.

Admitindo, portanto, que foi inicialmente convertido pela graça de Deus, o Senhor, de um modo ou de outro não tem que se manter por suas próprias forças? Não. Nesse caso, então o Senhor tem que ser mantido, cada hora e momento por Deus, tal como uma criança nos braços de sua mãe? Sim, inteiramente. E toda sua esperança está firmada na graça e misericórdia de Deus, para ser preservado até o Seu Reino celeste? Sim, não tenho esperança senão nEle.

Então, Senhor, com sua permissão embainharei novamente minha espada; pois esse é todo o meu Calvinismo, esta é a minha eleição, minha justificação pela fé, minha perseverança final: em suma, é tudo quanto sustento e como o sustento, portanto, se lhe parecer bem, em lugar de buscarmos termos e frases que serviriam de base para luta entre nós, unamo-nos cordialmente naquelas coisas sobre as quais concordamos”.

Parte exortativa da carta de (Teor Ético) Romanos 12:1; 15:13. Relacionamentos Transformados.

Uma das características marcantes do ensino de Paulo é que ele sempre relaciona doutrina e dever, fé e conduta (**Ortodoxia e Ortopraxia**). Paulo nos apresenta nestes capítulos uma ética individual ou pessoal. Ele integra credo e conduta, enfatizando tanto as implicações práticas de sua teologia, como o fundamento teológico de sua ética.

Nossa relação com Deus. Corpos consagrados e mentes renovadas (Cap. 12:1-2).

“Rogo-vos, que apresentei os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional (1)”.

Paulo usa uma ilustração, mais precisamente evocando os cultos nos templos, nos quais se colocavam “**corpos**” sobre o altar (Hb 13:11), porém, Paulo deixa bem claro os limites desta figura. Agora não se trata de corpos de animais, mais sim de “vossos corpos”, e não se trata de cadáveres, mas de sacrifício vivo.

Na filosofia Grega o corpo era considerado como penitenciária, na qual nós seres humanos teríamos sido aprisionados por causa da nossa revolta contra Deus.

Este culto é racional: trata-se de um culto oferecido de mente e coração, culto espiritual em oposição ao culto cerimonial, um ato de adoração inteligente, no qual as nossas mentes estão totalmente engajadas.

Epíteto, filósofo estóico do primeiro século ilustra bem tal verdade: “se eu fosse um rouxinol, faria aquilo que é próprio de um rouxinol, e se eu fosse um cisne faria o que é próprio de um cisne. Como eu sou “**logikos**” (um ser racional),tenho de adorar a Deus”.

Então, o nosso culto não é para ser prestado somente nas cortes do templo ou no edifício da igreja, mas sim na vida do lar e no mercado de trabalho. Ele deve ser prestado em todas as circunstâncias da vida (I Co. 10:33).

Vs. 2 – **Não sejam iguais a eles** disse Jesus (Mt 6:8). Não devemos ser como o **camaleão**, que assumi as cores daquilo que o cerca. Não se amolde ao padrão desse mundo.

Paulo lança essa mesma intimação ao povo de Deus, desafiando-os a que não se acomode à cultura predominante, mas que sejam transformados.

Elemento contra-cultura. Devemos assimilar os valores do Reino e repudiar os valores mundanos. Paulo usa a palavra **metamorphão** que é usada por Marcos e Mateus para descreverem a transfiguração de Jesus. É uma transformação fundamental de caráter e

conduta que diverge totalmente dos padrões do mundo, assemelhando-se à imagem do próprio Cristo.

Karl Barth denominou a ética cristã de “*a grande confusão*”. Tão violenta é a forma como ela desafia, interrompe e descontrola a tranqüilidade do “Status Quo”.

A vida comum dos cristãos (Rm 12:3-8)

A marca das obras das mãos de Deus é a **diversidade**, e não a **uniformidade**. Na comunidade cristã há muitos homens e mulheres das mais diversas espécies de origens, ambientes, temperamentos e capacidades. Os cristãos são dotados por Deus de uma grande variedade de dons espirituais. Entretanto graças a essa diversidade e por meio dela, todos podem cooperar para o bem do todo. Seja qual for a espécie de serviço que deve prestar na igreja, quer seja feito de coração e com fidelidade pelos que são qualificados por Deus, quer seja a profecia, o ensino, a exortação, a administração, as contribuições materiais, a visitação aos enfermos, ou a realização de qualquer outra classe de ministério.

Para ilustrar suas palavras, Paulo usa a figura do **corpo humano**, como já fizera em I Co. 12:12-27. Cada parte do corpo tem sua função características a desempenhar. Todas as partes devem trabalhar harmoniosamente para o bem do corpo. Assim deve ser a igreja que é o corpo de Cristo (Rm. 12:5).

O amor ao próximo como cumprimento de lei (Rm 12:9-16) Nossa relação uns com os outros. O amor na família de Deus.

Nesta seção o amor **Ágape** domina a cena. Até aqui, em Romanos, sempre que apareceu Ágape foi com referência ao amor de Deus demonstrado na cruz (5:8), derramada em nossos corações (5:5) e obstinadamente decidido a não nos abandonar (8:35-39). Agora, porém, Paulo enfatiza o Ágape como essência do discipulado cristão. Os capítulos 12 a 15 de Romanos constituem uma firme exortação a que deixemos que o amor domine e molde todos os nossos relacionamentos.

Paulo apresenta nestes versículos doze ingredientes à receita do amor:

Sinceridade. O amor deve ser sincero (9 a). A palavra sincero é uma tradução de anypokritos, “sem hipocrisia”. O Hipokrites era o ator que participava de um drama. Mas a igreja não deve se transformar num palco. Afinal, o amor não é teatro, ele faz parte da vida real.

Discernimento. Detestai o mal, apegando-vos ao bem. Ambos os verbos são muito fortes. Devemos odiar o mal. Tal verbo expressa aversão, abominação e até repugnância. Enquanto que o apego ao amor trás o sentido de agarrar ou grudar em uma coisa, como quando se usa cola.

Afeição. Dedicuem-se uns aos outros com amor fraternal. Tanto os verbos dedicar como amar eram aplicados originalmente a relações de sangue dentro da família humana. Paulo,

porém, aplica-lhes aqui uma nova conotação, referindo-se ao afeto carinhoso e cordial que deveria unir os membros da família de Deus.

Honra (10-5). O amor na família de Deus deve expressar-se em honra mutua, como também em afeição mutua. Cada cristão deve honra um ao outro em amor.

Entusiasmo. No zelo não sejais remissos, sede fervorosos no espírito (11). Ao dizer-lhes que sejam fervorosos no espírito, é quase certo que Paulo esteja se referindo ao Espírito Santo, e o quadro que se nos depara é o de um caldeirão fervendo e borbulhando.

Paciência (12). No cerne deste trio esta a referência à esperança, a confiante expectativa que os cristãos alimentam quanto à volta do Senhor, e também a glória que virá (Rm 5:2). Ela é para nós a fonte de gozo perene, mas também exige paciência, pois até lá necessitamos suportar tribulação e perseverar em oração.

Generosidade. Compartilhem com os santos em suas necessidades (13 a). O verbo compartilhar é *koinōneō*, cujo sentido pode ser tanto participar nas necessidades e sofrimentos dos outros, como repartir os nossos recursos com eles. *Koinōnokos* significa generoso. Nos faz lembrar a *koinonia* na igreja primitiva da igreja em Jerusalém, cuja expressão maior era que seus membros “tinham tudo em comum”.

Hospitalidade. Pratiquem a hospitalidade (13 b). Na antiguidade a hospitalidade era muito importante, pois as hospedarias, além de escassas, eram distantes umas das outras e aquelas que existiam eram geralmente inseguras e desagradáveis. Era essencial que os cristãos abrissem seus lares aos viajantes e em particular que os líderes da igreja o fizessem. Paulo na verdade não exortou aos Romanos a praticar a hospitalidade mas, muito mais a “seguirem” a hospitalidade.

Orígenes comentou: “devemos não apenas acolher o estrangeiros quando ele vem a nós, mas também informar-nos a seu respeito, e cuidar dos estrangeiros com carinho, segui-los e procurá-los em todo lugar, para ver se por a caso não andam largados pelas ruas ou dormindo ao relento.

Boa vontade. Abençoai aos que perseguem, abençoai, e não amaldiçoei (14). Abençoar e amaldiçoar são o contrário um do outro. Se o primeiro é desejar o bem (saúde, por exemplo) a alguém, o segundo é desejar-lhe o mal, aquilo que venha prejudicá-lo. Não existe maneira melhor de expressar nosso anseio pelo bem estar de nossos inimigos do que transformando em oração e ação.

Simpatia. Alegrai-vos com os que se alegram, e chorai os que choram (15). O amor nunca se mantém longe das alegrias ou das dores dos outros. O amor identifica-se com eles, canta com eles e sofre com eles.

Harmonia. Tende o mesmo sentimento uns para com os outros (16 a). Vivam em harmonia uns com os outros ou pensem a mesma coisa um em relação ao outro. Isto é, sede unânimes entre vós e assim vivam em concordância uns com os outros.

Humildade. Não sejam orgulhosos (16 b). Um dos piores tipos de orgulho é o esnobismo. A pessoa esnobe vive obcecada por status, com a estratificação da sociedade entre classe alta e classe baixa, ou em sua divisão entre tribos e castas, e conseqüentemente, preocupada em selecionar as pessoas com quem anda. Gente assim esquece que Jesus confraternizava livre e naturalmente com os rejeitados da sociedade e que Ele convocou Seus seguidores a fazerem o mesmo. Certa tradução diz: “Não procurem cair na boa graça de gente importante, mas tenham prazer na companhia de gente comum.

A Igreja e o Estado (Rm.13:1-7) Cidadania Consciente

Na introdução deste assunto, iremos analisar o significado da palavra “autoridade” (**Exousiai**) que segundo alguns teólogos tem duplo significado. Exousiai em primeira instância significa poderes civis, governantes, magistrados. De acordo com os versículos 4,7 se relaciona com órgãos estatais como política, tribunal, fisco ou alfândega. E por outro lado se relaciona as forças cósmicas. O maior defensor desta visão é **Oscar Cullmann** que amplia o termo para inteligências sobre-humanas, por ele denominadas de principados e autoridades, poderes, dominadores e autoridades.

Segundo Cullmann, não há duvida que os “poderes desta era” referidos em I Co. 2:8 que se tivessem entendido o mistério da sabedoria de Deus, não teria crucificado o Senhor da Glória. Eram ao mesmo tempo “essas forças e *poderes invisíveis*” e seus *agentes efetivos*, a saber, os dominadores da Terra, os administradores romanos na Palestina. Porém, no Novo Testamento não existe prova alguma que suporte o segundo argumento de Cullmann de que as forças espirituais do inimigo, depois de subjugadas, foram novamente comissionadas a fim de prestarem um serviço positivo a Cristo. E finalmente o que deve determinar o significado de Exousiai de Romanos 13 é o seu próprio contexto e não as diferentes maneiras como é usado em outros lugares.

Não existe base bíblica que os crentes estejam sob o domínio de principados e dominadores do mal. Pelo contrário, estes é que estão agora sob o nosso domínio, uma vez que estamos em Cristo e eles debaixo de seus pés. (Lc. 10:17-19, Mc. 16:17-18, Ef. 1:20-23).

No decorrer dos séculos tem havido grandes controvérsias nas relações entre Igreja e Estado. De uma maneira simples, quatro modelos principais já foram testados:

1.O Erastianismo. (O Estado controla a Igreja)

2.A Teocracia (A Igreja controla o Estado)

3.O Constantinismo. (O compromisso pelo qual se estabelece que o Estado favorece a Igreja, e esta se acomoda ao Estado a fim de garantir os seus fatores)

4.A Parceria (A Igreja e Estado reconhece e incentivam um ao outro nas distintas responsabilidades dadas por Deus, em um espírito de colaboração construtiva). Este último parece ser o que melhor se encaixa no ensino de Paulo aqui em Romanos 13.

Tanto o Estado como as Igrejas têm diferentes papéis. Os Cristãos têm deveres para com Deus, tanto como para o Estado. Jesus disse: “Dêem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mc 12:17).

A autoridade do Estado (Rm. 12:1-3)

Paulo inicia com uma ordem muito clara e de aplicação **universal**. Todos devem sujeitar-se às autoridades governantes (versículo 1). **Razões:**

- Não há autoridade que não venha de Deus (1b)
- As autoridades que existem foram por eles estabelecidas (1c)
- Conseqüentemente, aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o que Deus instituiu (2a). Portanto, o estado é uma instituição divina.

Porém, como conciliar a declaração de Paulo com os **regimes totalitários, comunistas** e outros? O que pensar em governantes e líderes tais como Calígula, Herodes, Nero da época do Novo Testamento, assim como Hitler, Stalin e Saddam dos nossos dias?

O que Paulo quer dizer é que toda autoridade humana é devida da autoridade de Deus. Jesus exemplifica tal verdade quando se dirige a Pilatos:

“Não terias nenhuma autoridade (exousia) sobre mim, se esta não te fosse dada de cima” (Jô 19:11). Pilatos fez mau uso de sua autoridade ao condenar Jesus, mesmo que tal autoridade fora delegada por Deus. **Exemplos:**

- 1.No período da segunda grande guerra mundial algumas Igreja apoiaram o governo de Hitler.
- 2.No período do “**Apartheid**” na África do Sul, também algumas igrejas apoiaram tal regime segregacional.

Oscar Cullmann comenta Rm 13:2. “Poucas afirmações do novo testamento tem sido objeto de tanto abuso com esta. Basta que um cristão, motivado pela lealdade ao evangelho de Jesus Cristo, ofereça resistência a uma exigência de um Estado totalitarista, logo os representantes desse Estado, ou os teólogos que lhes servem de conselheiros, apelam para a afirmação de Paulo, como se os cristãos aqui fossem conclamados a endossar e a instigar todos os crimes de um Estado Totalitarista. Mas, como nos mostra o contexto, aqui não se trata absolutamente de uma sujeição acrítica e incondicional a toda e qualquer demanda do Estado”.

O que fazer quando os governos e autoridades governamentais abusam de seu poder, e passam a governar malignamente enaltecendo o mal? A exigência para que nos submetamos a tal regime continua valendo em situação de perversão Moral?

De jeito nenhum! O princípio é muito claro. Nós devemos nos submeter a eles até o momento em que seus regimes e leis não sejam contrários a Palavra de Deus e bem como os seus princípios nelas estabelecidas.

Pedro disse: “É preciso obedecer antes a Deus do que os homens” (Atos 5:29).

Toda lei civil ou moral que for de encontro a lei de Deus devemos nos opor e desobedecê-la. Quando se promulgam leis que são contrárias a Leis de Deus, a desobediência civil se torna um dever cristão.

Dependendo da situação, se o Estado se mantém dentro de seus limites ou se ele os transgredir, o cristão o descreverá como servo de Deus ou como instrumento do diabo. Portanto, as funções do Estado são, promover e recompensar o bem e impedir e punir o mal.

O amor ao próximo como cumprimento da Lei (Rm. 13:8-10)

Nesta sessão Paulo esquece o ministério do Estado e volta-se para os deveres dos cristãos como indivíduo, principalmente nossa responsabilidade de amar. Três vezes nesses três versículos que veremos agora é o apóstolo mencionando a necessidade de amar o nosso próximo, aludindo a Levíticos 19:18: “Ama ao teu próximo como a ti mesmo”.

Viver como cristão não significa apenas prontamente quitar compromissos financeiros, legais e morais, para depois reclinar-se e esquecer-se das demais tarefas. Um verdadeiro cristão permanece no serviço. Jamais dirá ao próximo: cumpri a minha obrigação, nós estamos quites!

Paulo faz três observações com relação ao amor ao próximo.

1. O amor é uma dívida que nunca se apaga. (v 8a)

Existe uma dívida eterna que nunca conseguiremos pagar plenamente que é o nosso dever de amar. Jamais amaremos suficientemente o nosso próximo. Amar o próximo é o segundo grande mandamento de Jesus. (Jô. 13:34,35, Mt. 22:37-39)

2. O amor é o cumprimento da Lei (v 8b)

Paulo escreve, não que o amor é o fim da lei, mas sim que amor é o cumprimento da Lei. Afinal, amor e lei necessitam um do outro. O amor necessita da lei para orientá-lo e a lei necessita do amor para inspirá-lo.

3. O amor não prejudica o próximo. (v. 9-10)

Paulo fala de proibição segundo as tábuas da lei. Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás ou “qualquer” outro mandamento se resumem neste preceito: “Amaras o teu próximo como a ti mesmo”. O amor é a síntese de toda Lei. Quem ama não prejudica o seu próximo. Matar tira-lhes a vida, o adultério rouba-lhes o lar e a honra, o furto arranca-lhe a propriedade e o falso testemunho o bom nome, enquanto que a cobiça priva a sociedade dos ideais de simplicidade e contentamento tudo isso prejudica o próximo, ao passo que a essência do amor consiste em buscar o bem supremo do próximo e em servi-lo. É por isso que o amor é o cumprimento da Lei.

A nossa relação com o Tempo. A organização da vida orientada para o futuro, a luz do mundo vindouro. (Rm. 13:11-14)

O propósito de Paulo neste parágrafo de Romanos 13:11-14 parece ser o de estabelecer um “**fundamento escatológico**” para a conduta cristã. Paulo nos exorta a conscientizar-nos acerca do tempo, vivendo assim de maneira adequada.

Uma das marcas da sociedade tecnológica é o fato de sermos escravos do tempo. Somos controlados pelo tempo. Porém, o mais importante é conhecermos e discernirmos o **kairos** de Deus, o tempo de Deus, o tempo em que vivemos.

Há três referências ao “tempo” feitas pelo Apóstolo Paulo:

- Chegou à hora de nós despertarmos do sono (11a);
- Agora a nossa salvação está mais próxima que antes (11b);
- A noite já está quase acabando, lidando lugar ao dia (12a).

É a conhecida tensão entre o “**já**” da primeira vinda de Cristo e o “**ainda não**” da sua segunda vinda.

A vida Cristã em dias de crise (Rm. 13:12-14)

O quadro é que, em virtude da hora, convém não apenas despertar-nos, mas também vestir-nos. Temos que trocar de roupa, tirar o pijama, as vestes noturnas (as obras das trevas) e colocar a armadura da luz, que é o equipamento adequado para um soldado de Cristo usar durante o dia. Afinal, a vida do cristão não é um sono, mas uma batalha.(Ef. 5:1-17).Depois De Paulo usar a analogia da vestimenta, Ele passa a decorrer sobre o comportamento apropriado do cristão. *A ênfase positiva da exortação é:*

Relacionando com os fracos (Rm 14:1 – 15-13) Não julgai os outros

Paulo fala de dois grupos na comunidade Cristã de Roma, denominados aqui de “**os fracos e os fortes**”. (Rm 15:1); 14:1.

É importante esclarecer a fraqueza a que Paulo se refere não é uma fraqueza de vontade ou de caráter, mas de fé. (Rm 14:1). É uma fraqueza na certeza de que a fé de alguém permite-lhe fazer certas coisas. O que falta ao fraco não é força de vontade, mas liberdade de consciência.

- Existem quatro propostas principais concernente a identidade dos fracos relatados em Romanos 14. São Eles:

1- A primeira possibilidade é que os fracos sejam “**ex- idólatras**”, recém convertidos do paganismo. Talvez o mesmo grupo encontrado por Paulo na Igreja em Corinto (I Co.8).

Mesmo tendo sido resgatados da idolatria eles temiam por razão de consciência comerem carnes vendidas nos açougues locais, pois as mesmas eram sidas consagradas a ídolos. Eles tinham medo de se contaminar.

2 – A segunda sugestão é que esses fracos sejam **ascetas**. Na antiguidade havia uma ampla divulgação do ascetismo religioso. Talvez tais idéias tenham se infiltrado na igreja de Roma. Havia movimento ascetas tanto no paganismo, como no Judaísmo (os essênios). Tal ascetismo poderia explicar a razão porque os fracos se abstinham do vinho, como também da carne (14:21).

3 - A terceira possibilidade é que os fracos seriam **os legalistas**. A expressão fraco na fé atesta a falha ou a incapacidade de compreender o princípio fundamental de que os homens são justificados e reconciliados com Deus, não por meio de vegetarianismo, da abstinência ou da guarda do sábado mas, **somente pela fé**. Os fracos na fé consideravam a abstinência e a observância como boas obras necessárias para a salvação. Mas em gálatas, Paulo emite um anátema solene contra qualquer um que ouse distorcer dessa forma o evangelho da graça (Gl 1:8).

4 – A quarta proposta, segundo fonte Stott é a mais satisfatória é que os fracos seriam, em sua maioria, **os cristãos judeus**. Pois a sua dependência, ou fraqueza consistia no fato de permanecerem, de sua consciência, comprometidos com as regras judaicas concernentes a dieta e dias religiosos. Quanto à dieta, eles continuavam observando as normas alimentares do AT, comendo apenas coisas limpas (14:14, 20). Quanto os dias especiais, observavam tanto o sábado, como os festivais judaicos.

O princípio positivo (vs.1)

Devemos aceitar ao que é fraco na fé. O princípio não é ignorar aquilo que são. Eles são fracos na fé (o significado aqui é convicção), imaturos, incultos e até mesmo equivocados. Eles devem ser aceitos e acolhidos na comunidade cristã. Pois devemos aceitá-lo, porque o próprio Deus o aceitou (14:3), como também aceitar uns aos outros como Cristo nos aceitou (15:7).

Convém notarmos que esse princípio da aceitação não discute assuntos controvertidos (1b). As duas palavras usadas no original grego têm uma ampla gama de sentimento. **Diakriseis** pode significar discussões, debate, discórdias, ou julgamentos; já a palavra **Dialogismoi** pode referir-se a opinião, escrúpulos, ou conflitos íntimos e ansiosos da consciência. Não devemos fazer da igreja uma arena de discussões cujas características

principal é a argumentação, e muito menos um tribunal onde os fracos são postos no banco de réus, interrogados e acusados. A acolhida que nós lhes damos deve incluir o respeito as suas opiniões próprias.